

# SANGUE DE HEROIS

Numero comemorativo, edição de «O PEQUENINO»

REVISTA CONSAGRADA A ANTONIO GONÇALVES CURADO, FILHO DILECTO DA VILA DA BARQUINHA E PRIMEIRO SOLDADO PORTUGUÊS MORTO EM FRANÇA PELOS ALEMÃES

— HOMENAGEM DO CONCELHO AO SEU HEROI DA GRANDE GUERRA —

**DIRECTORES: - Dr. Luís de Magalhães - J. Arnaut Pombeiro - Prof. José de Oliveira Rebordão**

## A Nossa Homenagem

\*\*\* \*\*

Homenagem simples e singela, despida de vaidades, falha de exhibicionismos, como a Alma d'Aquele que homenageámos e o sentir e as possibilidades da Terra que o viu nascer. Mas nem por isso ela deixa de ser grande e eloqüente. Grande, na nossa comoção e respeito pelo Morto-Heroico que hoje finalmente, vem para junto de nós; enorme, no seu significado moral e eloqüente pela grande Fé e são Patriotismo que todos os nossos colaboradores nos transmitem.

Glorificámos o nosso querido Morto, desejando que o seu belo exemplo de Sacrificio, Abnegação e Heroismo perdure na memória de Todos, para ser seguido e imitado se alguma vez nos virmos nessa emergência.

Pondo em relevo o seu feito, procurámos também divulgar e tornar mais conhecida a nossa e sua Terra e o seu concelho.

Será sem dúvida a nossa Revista um esplendido meio de propaganda de todas as belezas da nossa Terra — Terra de Soldado Conhecido — Terra do Primeiro Morto.

A Batalha e a Barquinha serão para nós Portuguezes lugares sagrados, padrões imorreduros a atestar o nosso esforço grandioso, a lealdade da gente lusa e o seu espírito de sacrificio manifestados durante a Grande Guerra.

Sangue de Herois!!

Sangue de Sacrificio!!

Abençoado Sangue que vem fortalecer o nosso Animo, revigorar a nossa Fé e exaltar o nosso Patriotismo e o nosso Amôr á Pátria, fazendo-nos sair da lama mesquinha e vil que em geral é a nossa vida.

Para a Comissão dos Padrões da Grande Guerra que tornou possível a entrega á Barquinha dos restos do seu filho querido vão os nossos primeiros agradecimentos, agradecimentos de que também muito justamente compartilha a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal da Barquinha e Liga dos Amigos do Concelho pelo muito que tem trabalhado pelo engrandecimento da Barquinha e do seu concelho, sendo de justiça destacar-se, nestas entidades, o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Capitão Manuel de Jesus Ferreira, Combatente da Grande Guerra, Administrador do nosso Concelho, filho querido da Barquinha, ardoroso defensor de todos os seus direitos e o principal propulsor — Verdadeira Alma — de todas as nossas grandes iniciativas.

Para todos os nossos amáveis colaboradores, para todos aquêles que contribuíram para que a nossa Revista tenha o exito que certamente terá, trazendo-lhe com a sua palavra autorizada uma importancia e brilho que muito nos honra, vai a nossa grande gratidão.

Barquinha, 18 de Agosto de 1929.

OS DIRECTORES

# Antonio Gonçalves Curado

Este nome faz lembrar o dos soldados da Epopeia Portuguesa do século XVI. Dêle se desprende o mesmo fulgor velado e discreto, fulgor que não deslumbra, mas que aquece e inspira uma grande ternura, e uma grande saúdade.

Chamado ás fileiras pela necessidade do serviço militar, embarcado precipitadamente, desembarcado numa terra extranha, metido numa trincheira lodacenta, ali permaneceu longos meses com a arma nas mãos, pronto a matar, pronto a morrer. Porquê? Para quê? Nem ele sabia. Diziam-lhe que a Patria precisava dele, diziam-lhe que se mantivesse no seu posto, e isto bastou: Antonio Gonçalves Curado ocupou o seu posto, esperou o inimigo, bateu-se, até que uma bala lhe estourou o crâneo.

Foi o primeiro Português morto na Flandres, e essa circunstancia trouxe a lume o seu nome. Foi mais feliz assim do que, ferido, tivesse, depois, de andar por aí esmolando uma pensão como tanto outros.

Raro é o dia que me não bate á porta um desses antigos soldados da Flandres a queixar-se de abandono; e eu, nada lhes posso fazer. Pude leva-



Antonio Gonçalves Curado

los para França, pude mante-los nas trincheiras, pude faze-los matar... mas não posso agora acudir-lhes, quando eles veem expor-me as suas feridas, as suas doencas, a sua miseria.

Assim, Antonio Gonçalves, melhor foi para ti, caíres no campo de batalha como um bom soldado, do que teres ficado inutilizado para o trabalho, a mendigar, porque eu teria de te dizer, como a tantos outros: - Amigo! - Para te fazer bater, para te fazer matar, tenho autoridade, mas para te recompensar quando te esqueças de algum braço ou perna no campo de batalha, não.

Mas como o Antonio Gonçalves teve a fortuna de morrer, e não vir ter comigo, a lembrar-me que fui seu chefe, eu posso, ao menos uma vez, recordar o seu nome

plebeu: ANTONIO GONÇALVES CURADO com a saudade e com o amor que me inspiram todos esses camaradas mortos ou mutilados pelo que eles julgavam ser a gloria de Portugal.

6 — VII — 929.

Marechal GOMES DA COSTA

## O Primeiro Mórto da Infantaria Portuguesa

No arquivo do 1.º Batalhão de Infantaria n.º 28 encontra-se o seguinte documento que transcrevo:

C. E. P.  
Serviço de Estatística  
1.ª D. - 1.ª B. I. - 4.ª Bat.  
(Inf.ª 28)

«Placa de identidade n.º A. - 2729. Boletim individual de Antonio Gonçalves Curado, soldado n.º 234, da 4.ª companhia, filho de José Gomes Curado e de Maria Clara, natural da Barquinha, Santarem. O parente vivo mais proximo é sua mãe, residente em Carvalhais de Lavos, Figueira da Foz. Embarcou para França em 22 de Fevereiro de 1917. Faleceu na 1.ª linha em 4 de Abril de 1917 por ferimentos recebidos em combate, ficando sepultado no cemiterio inglês de Laventie.»

Na rigidez das informações que ficam exaradas neste boletim perde-se o principal motivo que me levou a transcreve-lo.

E' que, no cemiterio Laventie, numa sepultura do acaso longe da Patria que o viu partir cheio de fé, vibrante de entusiasmo, afastado da familia que, não podendo habituar-se á ideia de o haver perdido vive eternamente na esperança de o tornar a vêr, longe do torrão natal onde a noiva amantissima chora, ainda hoje, as suas penas do martirio, lá longe enfim, onde o Sol é outro e a terra é estranha, jaz para sempre sepultado, o brioso soldado do 28, que foi em vida Antonio Gonçalves Curado, n.º 234 da 4.ª companhia e que, tendo caído gloriosamente em combate, foi o primeiro soldado do C. E. P. que mor-

reu no campo de batalha da Flandres, na luta por um ideal que talvez, nunca tivesse compreendido mas, nem isso foi preciso para que o soubesse defender com as armas na mão, no sagrado cumprimento do Dever.

E, porque foi o primeiro, foi êle, por assim dizer, quem ensinou o caminho da Honra a tantos outros que, depois, lhe seguiram o exemplo.

Era de infantaria este soldado!

Gravar no Livro de Ouro da nossa arma o nome humilde deste homem é um dever que me pertence como comandante que fui desse bravo; é dignificar a arma de infantaria a que me honro de pertencer, e é ao mesmo tempo, abrir uma página neste Livro em que ao Sol esplendoroso da Victoria se vê desfilar o Batalhão do 28, marcando-lhe o lugar a que tem direito nessa marcha triunfal dos Aliados que cimentou a civilização do mundo inteiro nas bases da Liberdade e do Direito.

(a) Luiz do Nascimento Dias

*Major de Infantaria*

#### NOTA DA REDACÇÃO:

Dum documento official recortamos mais as notas seguintes: Sepultado no cemiterio inglez de Laventie, 36 - G. 35. c. 25 - talhão 3 - fila F; Coval 12; Reinhumado no mesmo cemiterio - 36 - G. 35. c. 25 - talhão 4 - fila F. Coval 20. Novamente reihumado para o cemiterio portuguez de Richebourg I A - avoue. Talhão 2 - fila F. - Coval 20; e daqui trasladados agora os seus restos mortais com destino a esta vila, sua Terra Natal.



## A Fala das Mães

Quando contra o meu peito te amparava  
— oh, meu amôr, como eras pequenino! —  
quem saberia o trágico destino  
a que Nosso Senhor te destinava!

No meu enlevo, que me tinha escrava  
do teu rosado corpo de menino,  
pelo milagre deste amôr divino  
a minh'alma era um berço e te embalava!

E' tu morreste, afirmam... — E' mentira!  
Vejo-te... Fala, vive, anda, respira!  
Sou tua Mãe, Rainha entre as mulheres...

Oigo-te os passos leves, hesitantes...  
De novo és pequenino como d'antes...  
Toma os meus braços... Dorme... Sonha... Queres?

Virginia Victorino

## Antonio Gonçalves Curado

Primeiro soldado português que sacrificou  
a vida na epopeia da Flandres.

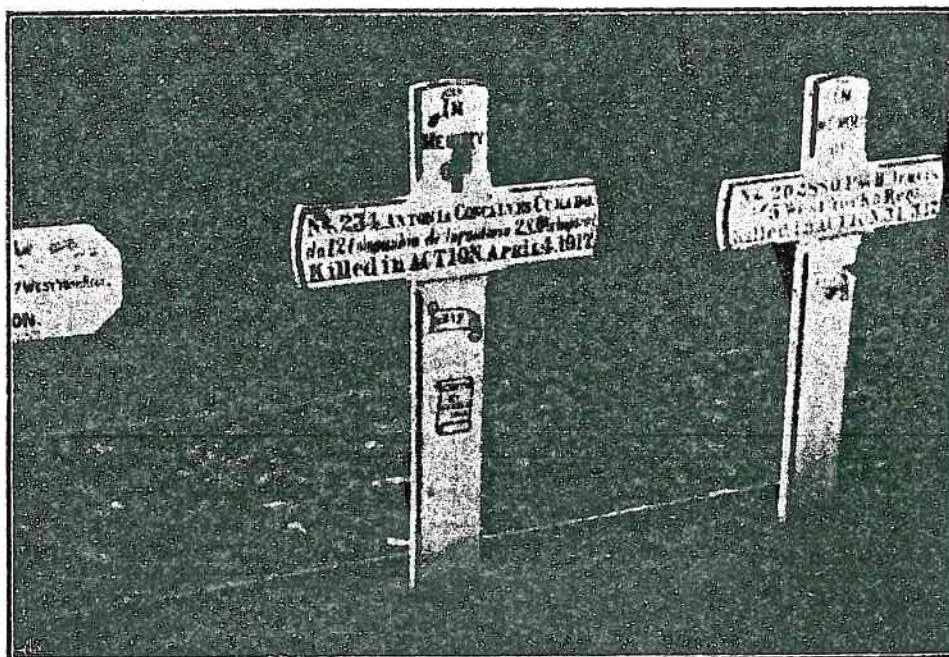
Foi a primeira estrofe de civismo,  
Primeiro peito heroico, que, lançando  
Ao alto a flôr do seu sagrado heroismo,  
Ergueu o nome português, sangrando...

Filho humilde do nobre patriotismo  
Que vem, de séc'lo em séc'lo, iluminando  
— Na flama alta e clara do altruismo —  
Da historia patria, o livro venerando!

Abriu um ciclo de legendã heroica,  
De sacrificios, de coragem s'loica,  
Renuncia humilde, onde o heroi se alteia...

E vejo o seu sangue generoso e ardente  
A abrir um traço de heroismo ingente,  
Num legendario livro de epopeia !...

Clotilde Mateus



Sepultura no Cemitério Laventie, do 1.º soldado morto em combate — António Gonçalves Curado, entre dois ingleses). Nas cruzes veem-se tiros de balas da ofensiva de 9 de Abril de 1918  
—Esta fotografia, tirada em França pelo tenente da Escola Prática de Cavalariã, de Torres Novas, Sr. Leote do Rego, foi-nos gentilmente cedida para illustração desta Revista—

# Padrões da Grande Guerra

A Geração que fez a Guerra terá quasi desaparecido em cinco lustros.

Essa geração de 1914, homens válidos e ro-



General GARCIA ROSADO

bustos, que marcaram gloriosamente o seu lugar na Historia multi-secular da Nacionalidade; a geração que sofreu a acção terrificante dos bombardeamentos nas trincheiras da Flandres e as inclemencias do clima da nossa Africa; a geração que audaciosamente sulcou o nosso Atlantico marcando a pagina refulgente do «Augusto Castilho»; a geração de Mães e noivas que em serenidade de espartana beleza verteram as lagrimas do incerto destino dos seus Entes queridos, e em cujos labios floriu o sorriso entristecido da saudade; essa geração heroica, engrandecida pelo sacrificio colectivo, quasi não existirá em 1940.

Terão sidos arrastados pela voragem insaciavel do Tempo os seus melhores valores, os que mais sofreram, aqueles cujas vigalias foram mais angustiosas, em cujos rostos cavaram mais fundas rugas os trabalhos e canceiras, os sobressaltos e angustias dos dias grandes de luta, aqueles cujos corações mais intensamente vibraram.

Os seus descendentes quasi não conheceram a guerra e esquecerão os horrores que perturbaram a sua meninice. Falar na Guerra, rememorar-la, exaltar o nosso esforço, é realizar uma Obra de Paz, é elevar alto as energias colectivas, é prevenir os melhores destinos da Republica. Falar na Guerra é recordar a attitude viril dos homens da «União Sagrada» que firmemente definiram o caminho que melhor convinha ás nossas tradições de galhardia com a visão clara da nossa situação colonial em face do inevitavel retalhar politico do mundo.

Falar na Guerra é uma hossana á attitude serena e nobre do Povo Português, desses Marinheiros e desses Soldados que Ele nos deu e que decididamente marcharam para França, Angola e Moçambique, relembrando os versos imortais dos Luzíadas:

«E julgareis qual é mais excelente»

«Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Canto I — X.

\* \* \*

Alguns antigos combatentes da Grande Guerra tomaram, em 1922 a iniciativa de convocar publicamente todos os que quizessem reunir-se para erguer os monumentos da nossa intervenção militar nos proprios teatros de operações. Compareceram aqueles que viêram a constituir a Comissão dos Padrões da Grande Guerra.

*Padrões* era a evocação do nosso Glorioso passado de descobrimentos e conquistas.

*Padrões* eram esses pequenos monumentos que ao longo das ousadas rôtas dos nossos mareantes ou nas pacientes e arriscadas investigações dos nossos sertanejos marcavam o nome imperecível de Portugal.

Essa Comissão com o apoio fervoroso de todos os antigos combatentes, com o auxilio valeroso de compatriotas, com o concurso simpaticante de amigos de Portugal, tem levado a bom



Coronel PIRES MONTEIRO

termo a sua tarefa. Logo, em 1923, inaugurou no antigo sector português da Flandres sete pequenos *Padrões*, onde se lê o nome de Portugal. São te-

(Conclue nas paginas 31 e 32)

# O Regresso do Heroe



Ha dividas que raras vezes se pagam. Corre a areia na ampulheta do tempo; corre anos após anos; desagregam-se muralhas; pulverizam-se monumentos que a chuva inclemente reduz a lama; o bronze aparece corroido pelo azehre; esclalam os sinos que outrora atroavam os ares elevando as suas vozes no céu, e a memoria de qualquer feito vai-se esvaindo a pouco e pouco, como o vento impiadoso quebra teia a teia o rendilhado que a aranha construiu com tanto custo.

Barquinha, vai pagar, agora, uma divida de honra.

Coisa extraordinaria neste século maneirinho, pseudo-futurista e em que os interesses criados conseguem calar todas as grandes aspirações; facto tanto mais para louvar porque a homenagem se destina a um soldado raso, a um anonimo mas que conseguiu pelo seu valor transpôr os humbrais do panteon da immortalidade.

Quem era? Que importa! Chamava-se Antonio Gonçalves Curado e era da Barquinha.

Mas pormenores para quê?

Não se dissecam ascendências de herois; não se vasculha a sua vida; basta dizer que era soldado de Portugal, que marchou para a Guerra e que morreu nela, quando tantos outros esqueciam o seu dever e lançavam para terreno secundario as suas obrigações.

Primeiro soldado morto em França!

Quantas vezes, mas quantas, o teu olhar se dirigiu para as bandas onde sabias existir a tua terra, onde serpenteava o Tejo, onde a paisagem era exuberante e linda, onde cantavam os passaros no seu eterno hino á Natureza mãe.

A morte espreitava por todos os lados. Viviam-se mil vidas num minuto de comições; a febre alumava os olhos; os ouvidos abriam-se num esforço desesperado, classificando os ruidos que o vento trazia, adivinhando o que se passava para além dos arames farpados.



General SÁ CARDOSO



Coronel Luiz Augusto Ferreira Martins

Caía a neve. O céu parecia um cisne gigantesco que sacudisse as asas, e cada pena era como que um angulo acerado em que queimava as carnes de tanto frio, que despedaçava a alma de tanto atrito continuado e persistente.

Rufava ás vezes a chuva no zinco dos abrigos. Rufava com o seu ruido, inervante como a pendula dum reggio, rezando talvez um salmo de angustia; de dô pelos que se batiam, do lado de cá, do lado de lá, por toda a parte, enfim...

Sangue de Heroi! Sangue de Epopeia! Sangue bendito vertido para nos remir, para defender a Liberdade, para dar existencia ás nações pequenas e que eram, tambem, dignas de viver.

Sangue de Heroi! Bendito seja. Sangue espargido por todo o C. E. P., sangue que levou a Fé e a Crença, a Esperança e a certeza do proprio esforço, gotas abençoadas dum filho da plebe que gritava o seu muito amor á nossa Terra, num mixto de ternura, de renuncia e de sacrificio.

O Tejo viu-o partir soldado raso, forte, espaduado.

Vê-o regressar agora pequenino no seu caixão, coberto de flores, coberto de lagrimas, coberto de homenagens dos seus companheiros de hecatombe que escaparam.

Calam-se, por momentos as aves ao verem passar o feretro de gloria; as fontes aquietam o seu sussurro; as arvores curvadas quasi que ajoellam e a Mãe, a Mãe que já nem tem mais pranto para chorar, ergue as mãos como rezando e só exclama:

— Filho, meu Filho, porque tardaste tanto?!

11 / Agosto / 1929.

Eduardo de Faria

(Pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra)

# O Regresso

Dia de sol claro e vivo.  
Sobre o Tejo debruçada,  
tem a vila um ar festivo  
de romaria animada.

No quente, amoroso brilho  
que abraça a terra, fulgura  
a carinhosa ternura  
da mãe que espera o seu filho.

Vestem-se os campos de galas:  
E no mais solene preito,  
vai o povo abrindo alas  
em silencioso respeito

Cada altivo coração  
pulsa de amor e saudade,  
na comovida anciedade  
de quem espera o seu irmão.

Irmão dilecto, o soldado  
que um dia foi para a guerra,  
e da fama e gloria honrado,  
volta enfim á sua terra!

Já partira ha quantos mezes!  
E hoje volta... Morto? Ah! não...  
Bem vivo na gratidão  
de todos os portugueses!

Ele foi por seu valor  
entre famosos soldados,  
o heroico precursor  
de outros heroes ignorados!

O prestito que além passa,  
não é triste funeral,  
mas cortejo triunfal  
exaltando a lusa raça!

Dêsse bravo irmão a sorte,  
ninguem chore com desgosto,  
E' sempre gloriosa a morte  
de quem morreu no seu posto!

Lá longe, em solo francês,  
seu corpo tombou exangue,  
vertendo o primeiro sangue  
do coração português.

Aquele ataúde encerra  
o seu dspojo mortal...  
Vem dormir em nossa terra,  
no regaço maternal.

Mas da vida transitoria  
aos céus erguida, a su alma,  
dos Herois recebe a palma,  
na mansão da eterna gloria!

Reviva eterna a lembrança  
da sua terra natal,  
do filho que honrou em França,  
o nome de Portugal!

Cardoso dos Santos  
Comandante Militar de Santarém

# Servidão Militar

Onze anos são passados que houve fim o mais formidável flagelo que, desde os tempos historicos, sobre a humanidade se abateu. A esta distancia e para quem os não viveu, a evocação daqueles mezes de tragedia ou de tragi-comedia já não comove, nem dilacera a alma, tal foi a confusão que se procurou e procura estabelecer entre os heroes autenticos e os falsos heroes; entre os martires da guerra e os mercantis que com ella aproveitaram; entre os factos sucedidos naqueles vales de amargura que se chamaram trincheiras e as narrativas engendradas na imaginação fertil dos que hoje interpretam o sentir dos «troupiers» como naquele tempo interpretavam o francez deliciosamente torpe das demoiselles de reputação duvidosa de Boulogne, Calais, Brest ou Paris. Mas para os que de perto sentiram os sofrimentos fisicos e as agruras moraes dos verdadeiros sacrificados da guerra, as cinzas do primeiro soldado morto em França são reliquias sacrosantas, cuja ação catalitica não pode deixar de fazer vibrar o peito mais embotado pelo contacto prolongado com a miseria humana. Daqueles que partimos, sob o olhar meio curioso, meio indiferente dos que ficavam e lá não tinham ninguém, foi ele o primeiro que se libertou da morte desaparecendo deste mundo para aparecer na Historia.

Como morreu o primeiro soldado? Não sei, talvez heroe, talvez... sem saber como. Morreu consciente na defesa do Direito, como para ali ouço dizer? Não, não era com certeza um jurista e ainda que o fosse, talvez tivesse duvidas na legitimidade de tal direito. Morreu na defesa dos pequenos povos oprimidos? Oh! irrisoria «boutade» que uma malta de farçantes inventou para tornar impunes crimes ordinarios de politicos mais ordinarios? Não morreu porque na sua consciencia existia o sentimento da honra que lhe ordenava que cumprisse o seu dever, ainda que os seus actos ficassem no olvido, ainda que o seu sacrificio ficasse sem gloria, no anonimato, antes a morte do que a cobardia de abandonar os seus camaradas.

Este sentimento rude e singelo do dever representa a maior servidão de todos os serviços militares, graduados ou não, constitue, por isso mesmo, o seu maior titulo de grandeza e gloria.

Devia ser um simples como simples são em geral os soldados. Quando as suas cinzas repouzarem no ataúde da terra onde nasceu e a sua infancia descuidada decorreu em folguedos e retoigos junto ao Tejo amigo dos heroes, a sua alma ha-de rejubilar quando as creanças das escolas, ingenuas e simples, como ele foi, lhe forem florir de quando em quando a campa, traduzindo assim o nosso preito de funda saudade.

Julho de 1929

Francisco GOULÃO

## 18 DE AGOSTO

E' hoje dia de grande jubilo para a Barquinha, por serem entregues á sua guarda, os restos mortais do seu glorioso filho, soldado Antonio Gonçalves Gonçaves Curado, que nas agrestes planuras da Flandres, como primeira victima, tombou, atingido pelos projecteis inimigos no sacrosanto dever da defesa da honra de Portugal.

Não devo como chefe do distrito e como combatente da Grande Guerra, deixar de me associar, á justa e merecida homenagem, agora realisada e incito aqueles que vierem a passar junto do tumulo definitivo do heroico morto, a que num momento de recolhimento, lhe dirijam o preito de reconhecimento que todos lhe devemos, seguindo-lhe o exemplo quando as circunstancias lho exigiam.

A's Mães, incito, igualmente, a explicarem aos seus filhos, o que representa o monumento onde repousar o Heroe e a incutir-lhes no animo quão felizes são aqueles a quem é dado sacrificar a sua vida pela Pátria.

Povo da Barquinha, prestai hoje de alma ajoelhada as maiores honras ao vosso conterraneo que tão galhardamente morreu pelo nosso querido Portugal e procurai sempre honrar a sua santa memoria.

O Governador Civil

Raul Verdades d'Oliveira Miranda

MAJOR DE INFANTARIA

# VIDA POR VIDAS

Duas palavras singelas me pedem a proposito da trasladação para a nobre vila da Barquinha dos restos mortais do primeiro soldado portuguez morto na Grande Guerra.

Como patriota que me preso de ser, e como velho soldado, que tem procurado servir honradamente o Exército do nosso paiz, vejo-me obrigado moralmente a acquiescer ao cativante pedido, embora para tal me faleçam as qualidades de competência.

A divisa «vida por vida» enobrece os nossos beneméritos hombeiros, que a usam galhardamente com intenso farol, guiando-os sempre no cumprimento dos seus deveres humanitários.

O Exército tambem tem a sua divisa, é a do sacrificio absoluto pela Pátria Querida, isto é, o sacrificio pela honra, vida, haveres e torrão natal dos seus concidadãos.

Assim o nosso Exército, — quer de terra quer de mar — cumpriu mais uma vez o seu dever sagrado de sacrificio, tomando parte na Grande Guerra.

Dez mil portuguezes, aproximadamente, *perderam* então a vida no cumprimento desse dever, não contando o número daquêles que se invalidaram, mutilaram e arruinaram a saude para o resto da sua existência.

Coube a honra á Barquinha de dar um dos seus filhos para começo da lista fúnebre dos combatentes de então.

A consagração deste modesto heroi — o soldado Antonio Gonçalves Curado — honra sobremaneira tal localidade, que chama para si os seus restos mortais.

Vimos com respeito e emoção ao sair da Alemanha, quando do regresso á Pátria, do nosso cativo, que os alemães vencidos da guerra, recebiam com carinho nas suas cidades, galhardamente ornamentadas as unidades vindas da campanha.

Em contraste, quando do nosso desembarque em Lisboa quanto nos compungiu observar a frieza com que fomos recebidos pelos nossos compatriotas, parecendo mais, que nos tomavam por criminosos que vinham de liquidar as suas contas com a justiça do que soldados que regressavam estropiados moral e fisicamente, mas altivos, com a consciência tranquila do dever cumprido para com a comunidade.

Felizmente nem sempre a Patria é ingrata; quanto nos enche de satisfação o observar que se recebem os nossos queridos mortos da campanha com o respeito e a consideração que lhes são devidos.

Tomar, 8 de Agosto de 1920.

Felisberto Alves PEDROSA  
General

## FOTOGRAFIAS

Não obstante o grande desejo de publicarmos o retrato dos pais do soldado — Heroi que consagramos, não nos foi possível obter a tempo as respectivas fotografias. Tambem pelo mesmo motivo se não publicam trechos das freguesias de Lanco e Alalnia, o que lamentamos.

# O HEROE

Os santos, os heróis e os sábios formam a trilogia sagrada dos representantes maximos da humanidade.

ão dispares na finalidade que os orienta, tão afastados pelos meios que utilizam e tão profundamente diferenciados na essência fulgurante do facho interior que lhes encandece o espirito, — êles são os clarins estridentes, que, atravez do rodar infinito dos séculos, fazem perfilar as gerações perante a sombra que engrandeceram da Pátria que os viu nascer.

Estátuas gigantescas, iluminadas pela substancia das proprias virtudes que ilustraram, êles são os grandes fautores do Passado e os valiosos propulsores do Futuro.

O célebre filósofo do Novo Mundo, Emerson, ao enunciar o seu conhecido paradoxo, de que o valor duma nação se aquilata pelo valor duma pequena minoria, formulou sem duvida uma verdade histórica.

A História, que é feita a distancia, a golpes de telescópio e não por investigações microscópicas, apenas alcança nas suas miradas retrospectivas as culminancias máximas do valor humano, que sobem muito além da campa rasa onde repousa a grande maioria dos humildes obreiros da glória.

Na impossibilidade duma consagração colectiva a que roubaria o significado a acção demolidora dum subjectivismo dispersivo — os povos elegem simbolos que veneram.

Não é um fectichismo doentio e primitivo, mas uma necessidade intelectual do espirito humano, ávido de sintese e de método.

Uma época, uma nação de muitos milhões de habitantes avaliam-se por trez ou quatro dos seus santos, dos seus heróis ou dos seus intellectuais.

A «Pátria de Camões», «o paiz de Vasco da Gama», — são expressões usuais e consagradas em todo o mundo.

Assim, a consagração dos expoentes duma nação é a apoteose orquestral do seu povo, o reconhecimento necessário das suas responsabilidades ancestrais a canalisar o presente e atomisar o futuro.

A Barquinha, o Ribatejo, Portugal, — chamando para o seu seio, arrancando ás longinquas planuras da Flandres o corpo do seu filho dilecto, o soldado Antonio Gonçalves Curado, praticam um acto de sensibilidade moral e de elegancia esthetica, que não é demais exaltar.

E' que, o nosso conterrâneo é na verdade um símbolo eloquente da geração martirisada pela Grande Guerra, uma figura impressionante do heroico combatente que mal chegou a entreabrir os olhos para a glória; foi o primeiro soldado morto em combate...

Para o substratum impressionista e sentimental da alma portugueza, plena de exuberante sentimentalismo e arreigado amor pátrio, — o soldado Curado é verdadeiramente a expressão do heroismo alevantado e comovedor.

# Monumento aos Mortos

## DO CONCELHO DA BARQUINHA NA

# GRANDE GUERRA

A Barquinha vai também, dentro em pouco, erigir o seu Monumento aos Mortos da Guerra. Ficará em local adequado e bem escolhido e nele serão depositadas as gloriosas cinzas do Soldado Curado. Será um magestoso e significativo padrão cujo desenho não está ainda bem preferido, não obstante os nossos melhores architectos terem já concorrido com êles, alguns mesmo com maquetes, como a que publicámos da autoria do sr. Moreira Rato, de Lisboa, cujo original, mal fotografado, não mostra a sombra do seu talentoso trabalho. Entre os desenhos recebidos ha um do



Sr. Francisco da Cunha dum alto valor patriótico, bem definido no maravilhoso engenho dos seus traços. Brevemente, em reunião da Liga dos Amigos do Concelho da Barquinha, se acordará na escolha definitiva, não descurando o início das obras para que o Ministério da Guerra cedeu ha tempo todo o bronze. Para este Monumento, foi já lançada em Abril de 1927, com luzida festa, a primeira pedra, sendo na mesma data, em sessão solene realisada nos Paços do Concelho, descerrada uma ampliação do nosso Herói Antonio Gonçalves Curado.

J. O. REBORDÃO

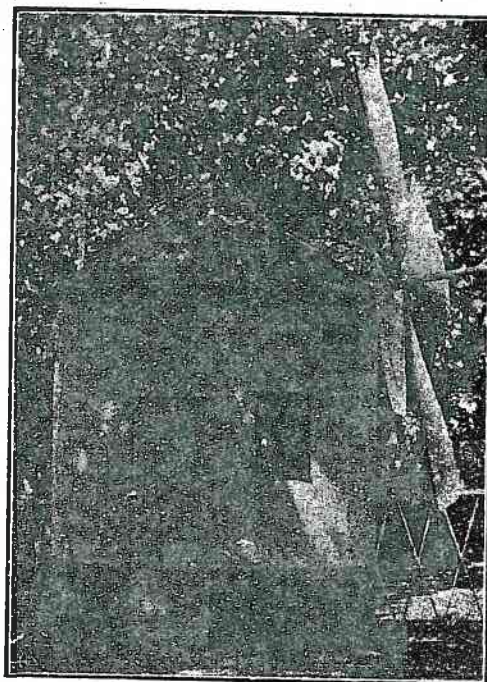
O caso chocante do soldado que parte da sua terra, entre as lágrimas sangrentas dos entes queridos e a nostalgia do ambiente que o rodeia, e num momento se vê lançado no campo de batalha, frente a frente com o inimigo, na eminencia do primeiro combate que deseja com volupia e anseio com entusiasmo, — encarnando em si, nós seus vinte annos estouvados, a Pátria que deixara longe, na avidés dum triunfo rapido e fulminante, — e que no primeiro momento do combate, no primeiro segundo, mal sentindo ainda a felicidade que pedira, cai varado, fulminado pela primeira bala inimiga que traçoira mas certamente o escolhe para primeiro sacrificado, — o caso deste soldado é sem divida eloquente, e merece a consagração não só da Barquinha que tão maternalmente o foi procurar a ignotas paragens, mas do pais inteiro por cujo idealismo patriótico ele se bateu.

Muito justamente, por isso, a solenidade que hoje tem lugar na Barquinha pertence a toda a região ribatejana que compartilha da sua gloria e a toda a nação portuguesa, pelo que o Governo e o Exército gostosamente se associam.

A Barquinha passa hoje um dia de intensa comoção patriótica; brotam do seu peito jorros de harmonia affectiva, que a sua afinada sensibilidade transforma em celestial sinfonia, sob tão intensa percussão.

A exaltação dos heróis é a que mais faz vibrar a alma popular, o a que mais intensamente acorda todos os meandros do amor patrio.

Consagrando e glorificando o seu filho, mixto de mar-tir e de heroi, a Barquinha cumpre um dever que a honra imensamente.



Barquinha - Festas da Misericórdia em 1929  
O moinho da barraca holandesa

J. Arnaut POMBEIRO



# O CONCELHO DA BARQUINHA NA GRANDE GUERRA

## QUADRO DE HONRA

### DOS COMBATENTES

#### Vila Nova da Barquinha

Soldado **Antonio Gonçalves Curado**, o nosso homenageado, primeiro português morto em França, soldado Antonio Barbosa Junior, morto em França, soldado José Nunes, morto em Africa e soldado Fausto Vieira, morto em Africa.

Capitão Manuel de Jesus Ferreira, sargento Ernesto Nunes da Assunção, Francisco Pereira, Antonio Nunes, Francisco dos Santos, João Ferreira, Adrião Barbosa e Justino Gonçalves.

#### Freguesia da Praia do Ribatejo



Soldado Antonio Barbosa Junior, de infantaria 16, morto em França

José da Cruz, o heroico Voluntario, tenente Augusto Carlos de Brito, sargento Artur Domingos de Oliveira, sargento João Filipe, sargento Rodrigo Antonio Rodrigues, Afonso Marques, Alvaro Inácio, Antonio Homem, Antonio Lopes Albino, Antonio Rodrigues Parracho, Filipe Pereira, Inácio da Silva Capitão, João Agudo, José de Almeida, José Godinho, José Homem, José Pereira, Manuel Bernardino, Manuel Pereira e Augusto de Oliveira Canadas.



Soldado José Nunes, de infantaria 16, morto em Africa

#### Freguesia do Entroncamento

Sargento Antonio da Silva Alfaro, sargento Luciano da Silva Alfaro, sargento Antonio Lopes Neves, 1.º cabo Carlos da Silva Alfaro, 1.º cabo Amadeu de Oliveira Bandeira e soldado Antonio Pereira.

#### Freguesia da Atalaia

Manuel Marques Lamaroso, Joaquim Marques Lamaroso, Raimundo Ferreira Teodósio (prisioneiro), Francisco Serigado, Constantino Bento (prisioneiro), Artur da Silva Mendes, Adelino Rosa Tormenta, Americo Barbosa e Florencio Rosa Esperança.



Soldado Fausto Vieira, morto em Africa

#### Freguesia de Tancos

Sargento José Pombeiro, morto na Alemanha (prisioneiro), Raul Marques, João Amaral da Silva, Carlos Amaral da Silva, José Rodrigues Tiberio, Anibal de Oliveira Felix e José Nogueira.

#### NOTA DA REDACÇÃO:

Sobre esta lista de Combatentes, naturais do Concelho, forneceram-nos informações os srs. Luiz Mateus, em Praia do Ribatejo; Antonio Marques Agostinho, no Entroncamento; Antonio Maia Faria e Francisco Pereira, na Atalaia; João Ferreira, na Barquinha; e João Fernandes, em Tancos.

Agradecemos.

# José da Cruz

Voluntario da Grande Guerra

Os homens que fizeram a guerra adquiriram uma psicologia especial, um temperamento *sui generis*, que nós outros nem sempre conseguimos compreender e alcançar.

O contacto constante com a morte, fez parte das suas relações mundanas, concedeu-lhes uma concepção particular da vida — factor humano despirível — concepção que aplanava as maiores dificuldades e arreda os mais solidos obstáculos, mas que também se enerva com as mais ligeiras futilidades. Os seus ouvidos, familiarizados com a voz dos canhões, não toleram já a voz humana. Afeitos á vida de acção fecunda e estrategica, não se compadecem das subtilidades da dialectica, nem das impertinencias da curiosidade.

Por isso, não foi, sem certo receio, ou pelo menos sem a expectativa prévia dum inesperado que contrariasse os nossos propositos, que esperamos, na sala de bilhar de José da Cruz, o momento oportuno de lhe recolher para a "Sangue de Heróis" algumas impressões suas, sobre a Grande Guerra, forma, por que resolvemos homenagear o bravo voluntario, o unico do nosso concelho. Dir-se-



JOSÉ DA CRUZ  
VOLUNTARIO DA GRANDE GUERRA

hia esperar, em frente do pano verde, um parceiro de renome para uma partida de responsabilidade...

— Deixem-me só, entregue á tranquillidade do meu lar, que me terão prestado a mais grata das homenagens — foi a ordem imperiosa de debandada, as primeiras palavras proferidas pelo grande industrial.

As razões não o convenciam, antes o enervavam. A insistencia era contraproducente e cruel.

Falamos-lhe, pois, da Guerra, dessa horrenda hecatombe desenhada a traços indelévels de sangue e loucura, dessa infernal tragédia que tão profunda e apaixonadamente impressionou o écran do sentimento e da memória de quantos verdadeiramente a sentiram de perto.

Uma scintilla iluminou a face de José da Cruz, rasgando-lhe os olhos e fundindo-lhe o mutismo sistemático a que se recolhera...

Os que viveram aqueles momentos trágicos de perigo, não podem viver na paz enervante duma solarenga moradia.

Partimos, pois, com José da Cruz para França, em Janeiro de 1917...

Quasi sentimos o arrepio dessa frígida manhã de partida, — mas José da Cruz não falou nela.

Serviu com o coronel Bernardo Faria 2.º coman-

dante de artilharia, e as mais calorosas e entusiasticas palavras de homenagem e admiração por este official, saíram da sua boca.

— Os inglezes, que tantas vezes desdenhavam as nossas fracas possibilidades, ao encarar a figura rígida do distinto official, perfilavam-se, respeitosos e submissos — remata orgulhoso, ultraperfilado, os braços desmesuradamente lançados para traz, o peito arrogante, saliente, marchando sosinho ao encontro das realidades que estava vivendo.

— As suas previsões estrategicas que presenciei de perto, como seu "chauffeur", eram mathematicas e seguras.

Sôa ainda aos ouvidos de José da Cruz, a voz calma e imperiosa de Bernardo de Faria:

"Corta por aquela curva, Cruz, que deve lá estar uma bateria; daqueloutra deve avistar-se uma posição inimiga..."

E ainda em França, sempre em França, o bravo voluntario vive a scena curiosa, cuja emoção nos comunica, proporcionada pelo envio dum capitão francez, a instruir os nossos artilheiros sobre as posições do inimigo. «Nada tenho que fazer aqui» — remata o capitão gaulez — os senhores conhecem todos os segredos da artilharia, melhor que nós». E desde então correu sceleres entre os exercitos europeus em guerra, a fama dos nossos artilheiros, considerados os melhores do mundo. Depois desta explosão de confidencias intimas, guardadas no seu melhor reliquario de recordações, interrompemolhe a marcha, pedindo impressões sobre o tenebroso 9 de Abril:

— Fui o ultimo a abandonar Saint Venaint, após a recolha cuidadosa de todo o arquivo da secção automovel do Quartel General. Foi meu companheiro até ao momento de partida o 1.º sargento Abelha.

E continuando, diz como pormenor superfluo — todas as tropas partiram ás dez da manhã; eu saí ás cinco da tarde

E regressados ambos, em Maio de 1919, após longa digressão á Praia do Ribatejo. — encontramos-nos novamente na sala de bilhar do solar de José da Cruz, com a convicção de que ganhamos uma partida... A entrevista estava feita. Mas quizemos a desforra, quizemos marcar bem a superioridade da nossa tecnica e fomos entrevistar, já na Praia, não o combatente, o bravo da Flandres, mas o idealista arreigado e combalivo que sabemos esconder-se naquela invulgar figura, de cabeleira desgrehnada e barba irreverente, que induz — *à priori* — um juizo seguro dum mixto de pensador e de melistófeles.

A guerra foi erigida por muitos em cruzada santa contra os principios de neo-reacionarismo dos Imperios Centrais, consubstanciados nos seus rígidos principios de disciplina e herarquia; por outros, ainda adentro dos Aliados e das suas melhores elites, ela representava a desagregação do espirito nacional em favor de principios dum universalismo flagrante, incompativeis com o ideal nacionalista.

Quizemos, pois, ouvi-lo, sobre as razões que o levaram a alistar-se voluntariamente no C. E. P., alistamento que incluiu tambem o seu automovel mobilizado ao serviço da Pátria.

— A visão dolorosa da Belgica, povo trabalhador e digno de todo o respeito, ferido e esmagado pela força bruta levou-me ao alistamento. Não havia razão para tão grande monstruosidade. A invasão da Belgica revoltou-me, pela prepotencia ostensiva que tal gesto revelou em desfavor dos pequenos povos — foi a resposta pronta do nosso entrevistado.

Estava ganha a desforra. Depuzemos o táco, e fomos de abalada, a saborear os momentos gratos da emoção, e agradaveis de convívio, que esta visita nos proporcionou.

Que nas palavras que aqui ficam ressalta, exuberante, o proposito deliberado duma homenagem cheia de justiça e de sinceridade, ao bravo combatente e voluntario da Grande Guerra.

J. Arnaut POMBEIRO

# O Que não Morreu...

**A Antonio Gonçalves Curado —  
Símbolo inconsciente — que tom-  
bando, tão alto levantou a nossa  
Terra.**

Toda a Ideia tem um Símbolo e todo o Símbolo encarna uma Ideia. Antonio Curado — guarda avançada da Alma e da Bravura da gente lusa — por ser o primeiro que baqueou em terra amiga mas estranha, longe da sua Patria, é a Encarnação máxima hiper-emotiva do Sacrifício inconsciente mas heroico e veio mais uma vez recordar-nos o paradoxo «que cessando a Vida se não morre».

O seu espirito rude e simples não preparado para a compreensão nítida das grandes concepções e conceitos, certamente não compreenderia o significado da sacrosanta divisa pela qual lhe diziam que se batia: Pátria, Direito, Justiça e Liberdade, mas... nem por isso deixou de cumprir o seu dever. Nobre exemplo de disciplina e obediência militar!!!

Os seus grandes olhos negros, sonhadores, olhos de saúde, espelho animado dos encantos e belezas da nossa Terra; longe dela perderam o brilho e a luz. Lá longe os seus ouvidos, habituados aos sons simples de músicas em dia de Romaria e de Festa e ao cantar sentimental e dolente das Moças da sua terra, em noites luarentas; ouviram o crepitar da fusilaria e o troar de monstros canhões e ficaram surdos... não mais ouviram...

O seu corpo pequeno e franzino mas ágil e em constante movimento, tornou-se inerte, pesado e imóvel. Um pedaço de aço, uma bala inimiga traiçoeira — como são sempre as balas inimigas — provocou tudo isto.

Mas a sua Alma caminhando célere, vencendo montes e vales, ofegante, correndo uma Maratona trágica, horrorizada pelo que via, vem até nós e fala-nos com nostalgia e saudade da quietação e da paz da sua terra Natal... E o nosso soldado vem, cumpre-se o seu desejo e satisfaz-se o nosso orgulho.

Um orifício... Um tênue fio de sangue... um corpo que tomba... e assim termina um Sacrifício e principia uma Epopeia, cessa e termina uma vida, mas... não vem a Morte.

Mas não morreu!!!... Sim, não morreu!!!...

Que não morreu prova-o o carinho com que os seus sagrados restos foram transportados até ao porto de em-

barque em França. Que não morreu prova-o a admiração e respeito com que foi recebido em Lisboa e finalmente prova-o a insistencia dos nossos apêlos, chamando-o para junto de nós, para a nossa Terra, para que lhe possamos dizer e ele nos ouça a incomensurável Beleza do seu Sacrifício, embora fosse o Acaso o principal determinante. Não é só Antonio Curado que na sua infima personalidade nós Veneramos — é o primeiro morto Português na Grande Guerra — representante dessa legião de heroicos combatentes, que embora «parecendo uma leva de condenados» como ha dias dizia o Major Nascimento Dias, se souberam bater e morreram matando. Se deficiente era a sua preparação sob todos os aspectos esse facto ainda mais os engrandece aos nossos olhos.

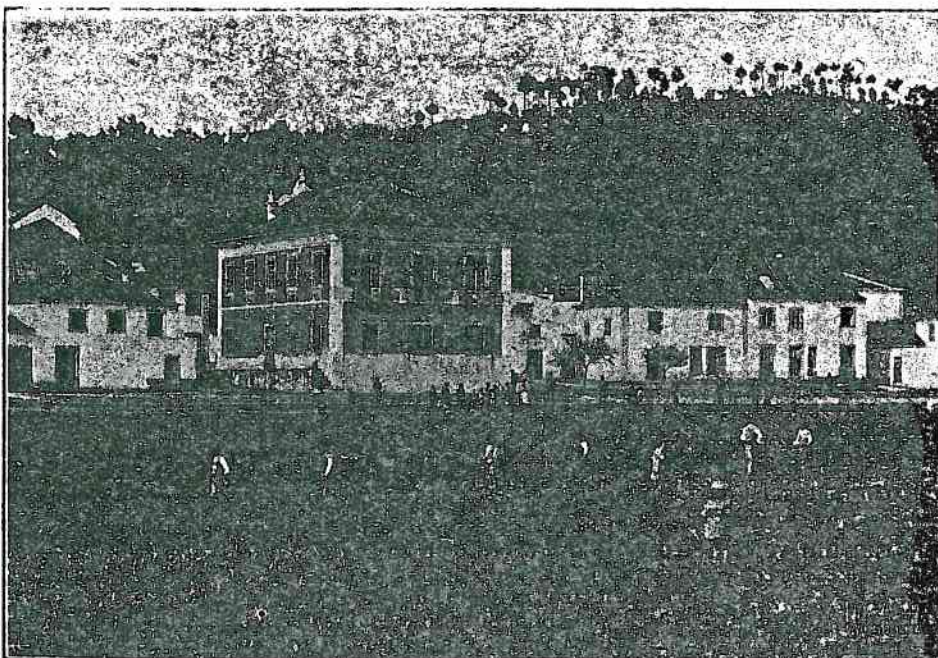
Curado é um Símbolo. Representa os que foram e vieram, os que foram e lá ficaram e ainda aqueles que vieram sabe Deus como... Estes ultimos, estátuas vivas da Dôr e do Sofrimento, merecem toda a nossa veneração.

Todos os dias se veem passar ostentando ao peito as medalhas ganhas e bem ganhas, ou antes, treçadas por pedaços do seu corpo — farrapos de alma lusa perdidos em Terra distante.

Mas... Silencio. Eis o nosso Sacrificado que chega!! Não o acordemos ainda, guardemos bem fundo no nosso coração toda a nossa Comoção e Admiração pelo seu sacrificio que não foi de balde; sufiquemos o nosso desejo; andemos sem fazer barulho, assim... no bico dos pés, não vá ele acordar; porque o Barquinhiense que hoje chega — o heroico Soldado do Sacrifício — precisa dum sono reparador, precisa de descanso. Esteve nas trincheiras, fez a guerra, conviveu, chorando a sua desdita de ser o primeiro a cair, com outros sacrificados como ele e sobretudo vem de longe... de muito longe... de França...

Saudemo-lo de joelhos, para que os nossos passos Ele os não ouça; falemos-lhe com a Alma, para que as nossas palavras o não acordem...

Luís MAGALHÃES



Barquinha — Trabalhos agrícolas nos campos marginais (rectaguarda dos Paços do Concelho)



ELÍSIO GOMES

Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal e Provedor da Misericórdia

# Primeiro Soldado do C. E. P.

## MORTO EM FRANÇA

Era barquinhense o primeiro Soldado de Portugal que, varado por uma bala alemã, tombou para sempre dentro das trincheiras da Flandres, no sector cuja defeza foi confiada ao Corpo do Exercito Portuguez.

Por este facto não podia nem devia a minha Terra, esta pequenina mas linda Terra ribatejana, ficar impassivel perante a memoria daquele que, vertendo o seu sangue em defeza da Patria e da Republica, foi o primeiro a dar o seu nome para o —*Rol de Honra*— do nobre Exercito Portuguez.

Abençoado nome, que deu á Barquinha a maior honra que uma Mãe pode ter, e que é ver o seu Filho dar de hom grado a vida em defeza do Direito, da Justiça e da Independencia dos Povos.

A par deste humilde serrano, outros houve, filhos deste Concelho que na França e em Africa, tombaram tambem, todos com os olhos postos na linda Bandeira verde-ru-bra e nas quinas do seu Escudo, que foi outr'ora a insignia do maior Povo do Mundo.

Prestar a estes pobres e humildes filhos do Povo a nossa Homenagem, é um dever que á Barquinha se impunha, e a minha Terra, grande no seu amor, imensa nas suas virtudes e sublime na magnificencia da sua Caridade, assim o entendeu e assim o ha-de cumprir.

Sob esta orientação, foi já feito o lançamento da primeira pedra para o Monumento que ha-de perpetuar aos vindouros

a memoria do primeiro soldado do C. E. P. morto na Flandres e tambem dos restantes militares do Concelho, que morreram em França e em Africa.

Para a erecção desse Monumento concorreu o Estado, pelo Ministerio da Guerra, com 800 quilos de bronze (um lindo canhão do tempo de D. José I) que já está na Barquinha. Tambem o distinto escultor, Sr. J. Moreira Rato e architecto Sr. Francisco da Cunha, quizeram, num requinte de gentileza que muito os honra, dar gerosamente uma alta prova de patriotismo perante a memoria do nosso primeiro morto na Grande Guerra, e assim ofereceram duas lindas maquetes do mesmo Monumento, que são um verdadeiro primor de arte.

Entendeu porem a Comissão Administrativa da Camara Municipal a que me honro de pertencer, que a Homenagem a prestar ao nosso Glorioso Soldado Curado só seria completa inumando junto á base do Monumento os restos mortais do

Grande Martir da Patria e por isso, em 6 de Fevereiro deste ano e em officio sob o n.º 38 pediu ao Senhor Presidente do Ministerio a trasladação desses sagrados despojos. Ao lado desta enternecedora homenagem, se puzeram imediatamente os jornais de maior circulação no nosso Paiz, como o Diario de Noticias e o Seculo; a benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra e a muito patriótica Comissão dos Padrões da Grande Guerra.

Em 27 de Fevereiro era-nos notificado que ao Ministerio da Guerra não era possivel efectuar, nessa ocasião, a trasladação solicitada.

Em 4 de Março e emanado da patriótica Comissão dos Padrões da Grande Guerra é enviado á Comissão Administrativa da Camara Municipal o officio n.º 2388/29, cujo conteúdo é o seguinte:



Capitão Manuel de Jesus Ferreira  
Administrador do Concelho e Vogal da Comissão Administrativa da Camara Municipal

Em nome da Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, a que presido na ausencia de sua Ex.ª o Senhor General Sá Cardoso, tenho a honra e o grande prazer de comunicar a V.ª que esta Comissão, conhecendo pelos jornais a simpatica e tão patriótica iniciativa do Povo da Barquinha, querendo trazer de França o primeiro Soldado do C. E. P. morto nas trincheiras do nosso Sector e inumando esses restos sagrados na base do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, naturais desse Concelho, no qual esse glorioso morto pertenciu, resolveu em sessão de F.ª do corrente collocar-se inteiramente á disposição de V.ª em tudo quanto for necessario para a realisação de tão patriótico empreendimento.

Aceite V.ª as saudações da Comissão e os testemunhos da minha subida consideração. O Vice-Presidente,  
Coronel, Luiz Augusto Ferreira

dente em exercicio - (a) Martins.

Em 11 de Março, e em agradecimento ao officio anterior, a Comissão Administrativa da Camara Municipal, dirigia a Sua Ex.ª o Vice-Presidente da Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra o seu officio n.º 68, do qual para aqui transcrevemos alguns trechos:

Ex.mo Sr. — E' com a mais subida honra que venho acusar a recepção do officio de V.ª Ex.ª, de 4 do corrente e sobre o seu conteúdo dar a V.ª Ex.ª conhecimento que a Comissão Administrativa da minha presidencia rejubilou por reconhecer o carinho e o patriotismo com que tem sido recebida por toda o Paiz a nossa ideia de trazer para a Terra da sua naturalidade os restos mortais do primeiro Soldado Portuguez que, com os olhos postos na sua Bandeira, na linda Bandeira de Portugal, tombou para sempre dentro das trincheiras lamacentas da Flandres.

A resolução tomada pela Ex.ª Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, e que V.ª Ex.ª teve a gentileza de nos comunicar, veio rasgar pesadas nuvens que

se amontoavam no horizonte e não nos deixavam vislumbiar a esperança de ver realizada a nossa maior aspiração; a aspiração dum pequenino Povo, que de grande só tem o Amor ao seu Paiz.

Bem haja, pois, a Ilustre Comissão a que V. Ex.<sup>a</sup> muito dignamente preside.

Ex.mo Senhor

Permita-nos V. Ex.<sup>a</sup> que à alta e valiosa protecção da Excelentíssima Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra o povo da Barquinha se acolha, pois só assim ele conseguirá ir todos os dias beijar e florir a campa do seu patrio — Antonio Gonçalves Curado — primeiro Soldado Portuguez morto nas trincheiras da Flandres.

Cabe-me a honra de, em nome do Povo da Barquinha, pedir a V. Ex.<sup>a</sup> se digne apresentar á Ilustre Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra as mais sinceras saudações desse Povo e todo o seu maior reconhecimento pela esperança que ao seu coração vieram trazer as gentis e amáveis palavras de V. Ex.<sup>a</sup> a quem com imenso prazer deseçamos.

S. F.

Em 11 de Março a benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra, faz saber á Comissão Administrativa da Camara Municipal, que pode esta contar com o seu apoio incondicional sempre que se trate, como nessa ocasião, de prestar a devida consagração a um nosso camarada, que tomou no Campo da Honra ás balas do inimigo.

Em 16 de Março, o Diario de Noticias e o Seculo, já nessa data completamente irmanados conosco sobre tão piedosa homenagem a prestar ao nosso conterraneo, publicavam a noticia de que a patriótica Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, havia resolvido tomar sobre si o encargo de realizar a trasladação, de acordo com a benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Ao ler esta noticia eu senti uma tão grande sensação do jubilo que me ia n'alma, que me envaidece orgulhosamente de ser Barquinhense e Combatente da Grande Guerra.

Nessa mesma data e na qualidade de Administrador do Concelho, enviei ao Ilustre Presidente da Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, um officio do seguinte teor.

Ex.mo Sr.

O Povo desta Vila, ao ter conhecimento pelos jornais «Diario de Noticias» e «Seculo» de hoje, de que a patriótica Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, a que V. Ex.<sup>a</sup> tão dignamente preside, de acordo com a benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra, resolveu tomar o encargo de trazer para a Barquinha os restos mortais do Nosso Conterraneo — Antonio Gonçalves Curado — o primeiro Soldado Portuguez morto na Flandres; este bom Povo, repito, veio junto de mim pedir que manifestasse immediatamente a V. Ex.<sup>a</sup> o grande entusiasmo que lhe vai n'alma por ver que o seu grande desejo vai enfim realizar-se; que apresentasse a V. Ex.<sup>a</sup> os seus maiores agradecimentos e as suas melhores saudações pelo mais importante favor que essa Ex.<sup>ma</sup> Comissão lhe podia ter dispensado.

E' portanto a mais elevada honra, que eu venho perante V. Ex.<sup>a</sup> desempenhar-me daquela missão, que me envaidece e me comove.

Como Barquinhense e Combatente da Grande Guerra, sinto o maximo orgulho em firmar este agradecimento dos meus conterraneos e em associar-me com toda a minha alma de Portuguez e de Soldado a esta manifestação tão patriótica e tão simplica, devida a V. Ex. e á Ex.<sup>ma</sup> Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra.

Permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que aproveite a occasião para informar que o primeiro Soldado Portuguez morto na Grande Guerra se encontra no cemiterio portuguez de Richebourg I — Avoué — Talhão 2 — Fila F. — Coval 20.

Digne-se pois V. Ex.<sup>a</sup> aceitar os agradecimentos dum Povo cheio de contentamento, e os de um molesto Combatente enobrecido com a honra, que lhe é conferida em ser o porta-vós desse Povo.

Identico e na mesma data tive a honra de enviar á benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Desde essa data em diante não descançou um momento a Ilustre Comissão dos Padrões da Grande Guerra e no dia 31 de Julho via entrar no Arsenal da Marinha a urna contendo os restos mortais daquele que tão longe da Patria soube dar a vida em sua defeza, tendo por honrosa mortalha a linda Bandeira de Portugal.

Depois de uma bem patriótica e sentida homenagem prestada ao heroico Soldado pelo Povo de Lisboa, Exercito, Marinha e Combatentes da Grande Guerra, veem hoje esses despojos sagrados acolher-se sob a Bandeira do Concelho da Barquinha, e descançar para sempre junto do Monumento, que em sua honra lhe vai erigir a Terra Mãe.

Barquinhenses: vão passar perante nós as cinzas do nosso conterraneo — Antonio Gonçalves Curado — o primeiro Soldado Portuguez que mataram no Campo da batalha, quando dava o seu sangue em defeza de Portugal, em defeza da nossa Terra: descobrimo-nos com o maior respeito, ajoelhemos e que as nossas lagrimas de saudade por esse Grande Morto vão como supremo refrigerio no amantissimo coração de Maria Clara, Sublime Mãe do Heroe Barquinhense.

Santa Mãe !!

Grande Mulher Portugueza !!

Que as grandes manifestações que do Havre até á Barquinha vem sendo prestada ao teu dilecto Filho, sejam a auréola que illumine esse justo piedoso e bom na hora em que a tua nobre alma se fôr juntar á dele.

Barquinha, 18-8-1929.

O Administrador do Concelho,

Manoel de Jesus Ferreira

Capitão

## Á patriótica Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra

Testemunhar o nosso agradecimento a alguém é o maior prazer que é dado sentir a humanidade.

E eu quero aqui deixar bem gravado o meu humilde, mas muito sincero, reconhecimento a todos os membros de tao patriótica Comissão, pelo importantissimo beneficio que acabam de prestar a minha Terra.

Jamais olvidarei que a V. Excelencias a Barquinha deve o ter hoje em seu poder os restos mortais do nosso primeiro Soldado morto na Grande Guerra em França.

Eu conservarei sempre a lembrança de que a vinda desses sagrados despojos seria impossivel, se não fosse a alta e valiosa generosidade e o mais entranhado amor patrio da Nobre e Ilustre Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra.

A Vossas Excelencias, á benemerita Liga dos Combatentes da Grande Guerra e aos Ex. mos Srs. Coronel Henrique Pires Monteiro, dignissimo Secretario Geral daquela Comissão, e Major de Engenharia D. José de Castello Branco o devotado agradecimento do Povo da Barquinha.

Jesus Ferreira

# EM CONTINENCIA!...

«Mortos da Guerra! Ó simbolo de Gloria,  
«Ó divisa de amor, urna de pranto,  
«Fonte de Dor, libris iluminando um canto  
«De sacrificio heroico e de Victoria!

AUGUSTO CASIMIRO

«ORAÇÃO LUZIADA»

A patriótica homenagem que a Vila da Barquinha hoje presta, comovida e respeitosamente, recebendo sagrados despojos do seu dilecto filho, o soldado Antonio Gonçalves Curado, primeiro



D. Francisca Gameiro de Sousa  
Madrinha do Soldado Curado

martir do Dever, que na Grande Guerra, na Flandres, tombou valorosamente varado pelas balas alemãs, sem duvida alguma que é uma proveitossissima lição de civismo e uma das mais enternecedoras manifestações colectivas de carinho e de devoção patriótica que temos visto celebrar no nosso paiz.

Honras e louvores sejam dados ao seu tão laborioso e honrado Povo pelo seu acrisolado amor patrio e pela sua ras-

gada e nobilissima manifestação de saudade prestada á memoria do seu heroico conterraneo que tão valorosa e tão nobremente soube ser Soldado e ser Portuguez, morrendo pelo brio e pelo bom nome do nosso Portugal estremecido.

Para nós, os Combatentes, homens a quem esses, amargos e lutosos dias, que nunca mais esquecerem, retemperaram o animo, criando-nos uma sensibilidade especial, cheia de amor e de simpatia pelas causas justas, não podem ser indiferentes estes gestos, merecidas provas de apreço e de respeito prestados a todos quantos o Destino levou a ir cumprir o seu Dever e sofrer as vicissitudes dessa ingente e crudelissima luta.

E é, portanto, com gratidão e com legitimo regosijo que vemos, ainda que tardiamente, fazer-se a merecida justiça às victimas dessa pavorosa calamidade, glorificarem-se digna e civicamente esses martires obscuros do Dever que na abnegação ilimitada do seu incognoscivel sacrificio souberam dar a sua vida por um Ideal e por uma Causa, dos quais muitos mesmo nem sabiam os seus principios nem mesmo as suas finalidades, mas que nos seus espiritos simplistas de bons e de puros portugueses se condensara apenas no nobre desejo de bem servir e de bem honrar a Patria onde nasceram e que os tinha mandado batalhar pela sua independencia e pela sua liberdade.

E foi assim, obscura e singelamente, movidos pelo amor à terra que lhes foi berço, que os nossos bravos *Serranos* se souberam bater com aquela coragem e aquela galhardia que a nossa Historia registará em paginas de imorredouro brilho.

Para nós, Combatentes, a homenagem que a Barquinha hoje presta ao seu Heroi — tem dois significados, entre outros, e qual deles de mais elevação e grandiosidade:

Primeiro deles é esta merecidissima apoteóse constituir, além de um meio educativo para o Povo, mais um preciso estimulo para as gerações vindouras, sobretudo para essa mocidade esperançosa que virá a ter nas suas mãos os destinos deste paiz heroico e glorioso, que no nome do soldado Curado terá de futuro um talisman precioso a preservá-la de desanimos e de tibiesas que açoitem a sua consciencia.

Outro significado será o de a presença ali dos restos mortais do glorioso soldado, simbolo do Dever cumprido, constituir um exemplo sempre patente de valor e de brio, de abnegação e de sacrificio, que sirva como indispensavel antidoto ás fraquezas de vontade ou de lenitivo ás desditas.

Salvé Sangue de Bravos! Salvé Sangue de Herois!

E' com esse generoso sangue que se argamassam os alicerces das nacionalidades. E' com o sacrificio das preciosas vidas dos seus herois que se consegue manter sempre livre, sempre honrada e sempre respeitada uma Patria como a nossa, que tem um passado heroico a honrar e uma continuidade gloriosa a afirmar.

Unidos como outrora nas horas cruciantes da guerra nós, os Combatentes, prestâmos ao nosso heroico Irmão de Armas, o glorioso soldado Antonio Gonçalves Curado, a nossa sincera homenagem de saudação respeitosa e comovente fazendo-lhe a nossa continencia muito justamente devida ao seu brio e á sua valentia. Os seus sagrados despojos são para nós um simbolo de valor e de patriotismo. São restos, pobres restos de cinzas de um corpo onde em vida palpitou fervente e entusiasta um coração de lusiada leal e generoso, onde se acortou a alma de um Heroi, mas a quem devemos amor e veneração. Hoje, como hontem, nós, os Homens da Guerra, geração sacrificada que se queimou combatendo por um ideal sacrossanto de Liberdade e de Justiça, unidos na mesma comunhão de fervor e de fé, saibamos



José da Silva Junior  
Padrinho do soldado Curado e Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários

(Conclue na página 30)

# A GLÓRIA DE MORRER

Deante das homenagens com que o povo do concelho da Barquinha vem sacudir a indiferença geral da consagração que faz do primeiro soldado portuguez tombado pelo inimigo na Flandres, sente-se de novo passar pelas almas aquele mesmo sôpro de energia e de vitalidade que ha doze anos a sacudia tambem.

A nossa terra vivia então uma das horas maiores dos seus ultimos tempos, (para não dizer da sua historia, numa hipérbole que escandalise) mas estava muito longe de sentir aquela união e firmeza que fundem as almas num bloco invencivel sempre que é necessario fazer uma curva difficil e apertada, neste apertado caminho da vida.

Hora de sacrificio e de imolação, como ela estava longe de ser compreendida por tantos para quem ela havia claramente soado!

... E é por entre um verdadeiro cachoar de paixões que «os nossos rapazinhos», feitos soldados da Pátria, deixam campos e aldeias, e atravessam por essas fragas fóra, caminho do caes de embarque, a sumirem-se no boqueirão negro dos navios que os vão despejar como «carne para o canhão» no sorvedeiro voraz cuja fome insaciavel parece que nada se encontra capaz de a matar de vez.

Choram as mães e os irmãos, os pais e as noivas, e os caes de embarque por este Portugal abaixo alarmam-se escandalosamente com a gritaria que anda represada nas almas, e que não é possivel conter nesse momento, em que a Natureza com todo o seu vigor faz ouvir a sua voz descaradamente egoista e conservadora, sem a mais pequenina atenção ou consideração pelas necessidades colectivas, pela vida nacional.

Os tilhos desta Pátria não podiam compreender que a sua Mãe houvesse de viver alimentada pelo seu sangue, e preferiam antes alimentar os seus interesses particulares roendo os ossos já quasi esburgados daquela que os fizera grandes robustecendo-os com o seu leite.

Apezar de tudo, porém, caídos nas longas planuras nevadas da Flandres, é ve-los a reviver todo esse fundo ancestral de grandezas e heroismos que o ambiente morno e sorna trazia abafado, para se revelarem mais uma vez em toda a sua grandeza antiga.

Ainda mal tem tomado contacto com aquela terra extranta, já do fundo da alma se ergem extremos de carinho, e vão ajudar as pobres francezas a prepara-la para as semen-

teiras, adubando-a e cavando-a como se ela fosse sua, nos poucos momentos que lhe ficavam livres da instrução e que deviam ser para seu descanso. Nas aldeias por onde vão passando é a mesma vida portugueza que se vai repetindo: andam aos grupos pelas ruas, de mãos dadas como creanças grandes, ou em longas conversas num francez indecifrável com as «Mademoiselles» graves da região, ou com as respeitáveis «madames» cujas creanças trazem ao colo como se fossem filhos...

A desolação e a orfandade que ali foram encontrar conquistaram-lhes as almas, mas estas por sua vez, com a ternura e o carinho tão nossos a expandir-se livremente, conquistaram tambem logo para eles os corações de todos, pelo contraste que faziam com a fria indiferença dos inglezes que nos precederam.

Da morte que iam dando a cada instante ao seu egoismo, ia-se erguendo cada vez mais bela a luz da glória que os acompanhava...

... Cá em baixo, é certo, ia-se calando o côro lamuriento que os ensombrara á partida, cedendo o logar á indiferença mais criminosa, que animava festas e bailes e divertimentos, enquanto lá em cima os elementos e os homens se conjuravam para os dizimar pela morte.

E é ainda esse constraste horrivel quem vae ajudar a embeber aquelas consciencias na ideia do dever e do sacrificio com a qual acabam por se familiarisar a tal ponto que, quando a morte vier para elles com o seu gesto devorador, a ela se darão sem exitar com a naturalidade de quem cumpre uma missão.

O mesmo rapazinho que nas campinas da rectaguarda amanha as terras e acarinha as creanças da Flandres, é irmão gêmeo daqueloutro que, enterrado em lama, e coberto de neve numa trincheira da frente, tem para o seu general que lhe pergunta — «como vae isso» — esta resposta unica: «isto, meu general, já não é corpo, nem é nada»... e, encolhendo os hombros, ... «isto é só *corage!*», sem reparar o sublime humilde, que traduzia na sua rude expressão, naquella altura dos seus dez mezes de trincheiras, uma das mais belas virtudes da sua alma forte...

Para todos êles a guerra assim foi... — «só *corage!*»... — porque nada mais tambem por lá encontravam, aqueles valentes, nem da Pátria que quasi os abandonava, nem da familia que, tantas vezes, matava as suas saudades comendo a pensão que cá recebia.

Só este conceito, assim alto e generoso, do seu sacrificio, conseguiu ergue-los á verdadeira altura, de modo que, quando naquella quarta feira da Semana Santa de 1917 o primeiro soldado portuguez cala na Flandres morto estupidamente pelo inimigo, era já outra a alma que o animava, bem diferente da que se arrastara por Portugal abaixo, gritando e chorando até ao caes do embarque.

## O PRIMEIRO MORTO

Honrou-se a vila da Barquinha — e ho iraram-se todos aqueles que ao serviço destas homenagens e deste culto puzeram a sua vontade e boas — vontades — honrando o nome e a memória de Antonio Gonçalves Curado, já originado na sua «pátria-pequenina» um significativo monumento, já promovendo o regresso a Portugal dos seus restos mortais.

Mais do que uma inspiração feliz, é esse gesto tão digno e dignificante um traço luminoso na noite triste e negra do criminoso esquecimento, do miserável abandono, material e moral, do desinteresse egoísta e cinico a que veem sendo votados os da Guerra Grande, vivos e mortos.

Esses que foram afinal, na Africa e na Flandres, os ultimos lusitadas, representam, deviam representar, aos olhos de Portugal, a incarnação, a reviviscencia consoladora e querida das velhas, tradicionais qualidades da Raça.

E se na «mulla das trincheiras» essas qualidades re-floresceram em belos, formosissimos gestos de heroismo, na alma de Antonio Curado, soldado-raso, filho do povo, encarnou a alma da Grei, mixto de bravura e sentimentalidade, a um tempo bravia e doce, sabendo amar e cantar, bater-se rijamente e não poder pronunciar, sem que os olhos se lhe enovoeem de lagrimas, a nossa doce-umarga palavra «saudades»!

Só quem teve a honra de comandar, debaixo de fogo, soldados de Portugal, quem soube e quiz ver as almas dos seus soldados, quem os olhou bem de frente e a fundo, e viu e compreendeu o que havia nas suas almas lusitadas, o que dele se podia esperar e conseguir — liga o significado preciso a este honroso titulo: «soldado da Grande Guerra».

Só quem a fez, quem a viveu na comunhão espiritual com as almas dos seus soldados, quem soube mostralhes o que era e onde estava o Dever e por vezes, encontrou neles incentivos e consolações (quando não altos exemplos), quem assim viveu infinitas horas e arrastados dias desses mezes iargos da Guerra, compreende bem o que seja, e como é justa e quanto é oportuna esta homenagem a Antonio Gonçalves Curado, soldado do batalhão expedicionario a França de Infantaria 28, primeiro morto do C. E. P.

\* Não o conheci em vida, mas vi a sua sepultura num cemiterio da frente, quando, por uma tarde calma de Agosto de 1917, ia acompanhar até á beira da cova: o seu ultimo posto, um dos meus soldados.

Na alinhada regularidade do cemiterio a cruz da sepultura do soldado Antonio Curado, igual a todas as outras centenas de cruces, nada me dizia alem do seu nome que era o do «primeiro morto», do primeiro soldado de Portugal que por Portugal se batera e dera a vida. E esse nome, que naturalmente já conhecia, fixei-o desde então na minha alma, no meu espirito, no meu coração: era o primeiro mártir do sacrificio á beira da triste, dolorosa estrada que ia percorrendo o Corpo Expedicionario Portuguez, caminho desenrolado entre sébes agressivas dos odios vingos de tantos covardes, bordado de precipicios em cujos fundos tórvos bramiam torrentes de egoismos e vilissimos interesses desencadeados...

\* Foi o nosso primeiro morto, o primeiro morto do C. E. P.

Com carinho e respeito e comovida admiração soube ir buscar — tão longe! — os seus restos mortais e prestar-lhe uma sentida homenagem cultural á sua terra, a sua «pátria-pequenina».

Honrou-se, honrando o seu filho. Formosissimo e de carinhoso amor: pelo que não morre: a alma da Raça, o valor da Grei!

José BRANDÃO

Capitão miliciano de Artilharia do 2.º G. B. A. do C. E. P.

Deante do dever erguido a toda a altura, morrerá a voz do egoismo, é fora-se sucessivamente acentuando, cada vez mais clara e mais harmoniosa, a voz do sacrificio, a voz da generosidade, a cujo som tantas paginas de beleza se foram depois escrevendo.

E é deante dessas vidas, assim imoladas com tanta grandeza, que nós poderemos apreciar como será verdadeiramente glorioso encontrar na morte

## A Guerra em Africa

Tambem na Africa se sentiram bem os horrores da guerra, — diz-nos o Tenente Sr. Carlos de Brito. Os alemães que conseguiram revoltar uma parte do indigena, levaram-nos nesta campanha a uma devastação enorme. Foi preciso um exemplo forte para a submissão, não sendo por isso extranhavel o caso de alguns cadáveres pendurados nas arvores, principalmente na região do Humbe e Eval (Africa Occidental).

Não entrou em combate porque a principal função da coluna de que fazia parte, foi pacificar o indigena e reocupar posições. Permaneceu em todas as zonas de guerra daquela provincia, em cujas regiões indôspitas se faziam sentir assustadoramente, a febre, a sede, o maldito mosquito, e demais efeitos da guerra. A falta de água era sobretudo a maior tragedia. Só havia as que das chuvas rápidas se escoavam para as partes concavas do terreno, formando as chamadas «mololas».

Dali se abasteciam diminutamente os soldados, depois de fervidas aquelas águas.

E faz-nos a seguir o elogio, do maior heroi da guerra nas nossas Africas — o Sr. Major Curado, hoje Chefe do Distrito de Recrutamento e Reserva N.º 2, em Abrantes. Entusiasmou-nos á descrição da vida guerreira deste heroi, mais ou menos conhecida em referências honrosas dispersas pelos livros de guerra de cansados autores.

Sabendo que pode ostentar em dias de gala nada menos de 28 condecorações, avalia-se facilmente tudo o mais que da sua vida se ignore.

Chama-se Curado este bravo Portuguez!

E é tambem Curado — nosso soldadinho! Veneremos pois os combatentes da Guerra, glorificando os seus Herois!

J. Oliveira Rebordão

Filho!... Gritam as mães enxugando o pranto...  
Herói!... Respondem os anjos a soluçar...

Hora de paz, de emoção e de amor! Hora de luz e de saudade! No peito um suspiro, na voz um soluço, na face uma lágrima!...

Chegou o nosso heroi!

Cobre-o de bençãos a Pátria agradecida, lança-lhe o Céu o seu doce olhar...

Antonio, Gonçalves Curado! Filho da Barquinha! Sangue de Herói!

Dorme. Continua a santa paz do teu eterno sono, agora despertado, n'um beijo patrio — feito de dor, na angustiada ausencia de tantos anos!

A' beira da tua campa, uma infinita lágrima de amor acompanha o teu sono.

Choram-na os olhos saudosos que te viram partir, os mesmos olhos doloridos que te veem chegar...

Dorme! Descansa!

Repousa enfim, eternamente, na Terra-Mãe onde nasceste!...

J. Oliveira Rebordão

a vida verdadeira, que se dá sem reservas para que a vida não falte. E' que a vida só vale pela virtude e pela honra com que a vivemos, e quando estas hajam de ser esclarecidas para que aquela se conserve; então mais do que nunca é preciso mostrar que a ter de viver sem honra é preferivel morrer com glória...

Padre Lopes de Melo

Ex - Capelão Voluntario da 1.ª B. I.



# Vila Nova da Barquinha



Não é secular a fundação desta linda vila ribatejana. E se não tem alraz de si uma tradição que vinda de séculos passados nos rememore maravilhas de mouras encantadas, de combates heroicos, onda a primitiva lança e arco predominem, tem não obstante a caracterisá-la desde o seu início, um labor honrado e dignificante triunfando sempre com nobreza em todos os actos da sua vida.

Apeyar da sua recente fundação, ante a passagem dos longos séculos, a Barquinha tem a sua história cheia de nobres exemplos e cavalheirismo, mas o espaço de que esta revista pode dispôr não nos permite, a nosso pesar, fazel-a. Como todos os povos, a Barquinha tem tido a sua época de grandeza e de decadência. Neste ponto a historia, que se repete como ensinam os mestres, não abre excepções.

Ha pouco menos de um século constituia ela ainda um verdadeiro empório devido ao desenvolvimento do seu trafego comercial, todo feito então por via marítima.

Por este bellissimo pôrto cujo cais existe ainda, se fazia quasi todo o movimento comercial, vindo desde Lisboa e Santarem para as Beiras e outras regiões do paiz. Imensos carregamentos

de todas as mercadorias, especialmente sal, arroz, bacalhau, tecidos de algodão, pescarias, etc. se registavam diariamente neste pôrto. Alu ocresyes com suas caravanas faziam transportes daqui para as Beiras.

No dia 14 de Julho de 1837 fez-se o lançamento da primeira pedra para o edificio dos Paços do Concelho e, verificando-se um déficit de 4 519\$861 nesta construção, foi creado pela Câmara Municipal, o imposto de 20 réis por cada carro de bois de fóra do concelho que viesse deixar ou, receber carga,

sendo aquella importancia coberta em poucos meses. Pelos calculos feitos, em menos de um ano entraram no concelho 230.000 carros.

Com a passagem do caminho de ferro, o movimento comercial desta vila desapareceu, entrando ela na época decadente, de que se tem sabido afanosamente libertar, estando hoje na categoria de uma das mais progressivas e notaveis Villas do Distrito. Se o caminho de ferro então contribuiu para a sua decadência, tem presentemente sido um dos melhores factores para o seu engrandecimento.

Torrão abençoado este onde todas as iniciativas fecundam abundantemente. Haja em vista a sua Misericórdia, Associação dos Bombeiros Voluntarios, etc.

Mas não me compete a mim narrar os progressos materiais e morais da Barquinha, porque elogio em boca própria é vitupério. Por ser Barquinhense não, porque sou Beirão. Sou não obstante filho adótivo da Barquinha, terra, que amo como a minha própria... se não mais,

o que é sacrilégio.

\* \* \*

Por alvará de 26 de Junho de 1839, Sua Magestade a Rainha D. Maria diz: — "Eu a Rainha faço saber aos que este meu alvará virem, que tendo em consideração as circunstancias que concorrem não só no lugar da Barquinha, cabeça do novo concelho, que consta de Vilas antigas, mas tambem aos seus habitantes que tem prestado serviços á Causa da Liberdade Nacional e da legitimidade do meu trono: Hei por Bem e me Praz, que o dito lugar fique erecto em vila com a denominação de VILA NOVA DA BARQUINHA, — e haja todos os privilégios e liberdades de que devem gosar e gosam as outras vilas destes reinos, concorrendo com elas em todos os actos públicos e usando os seus cidadãos de todas as distincções e proeminências de que usam os dos outros sem differença alguma. Pelo que, etc."

Era então a Barquinha Prof. J. de Oliveira Rebordão.

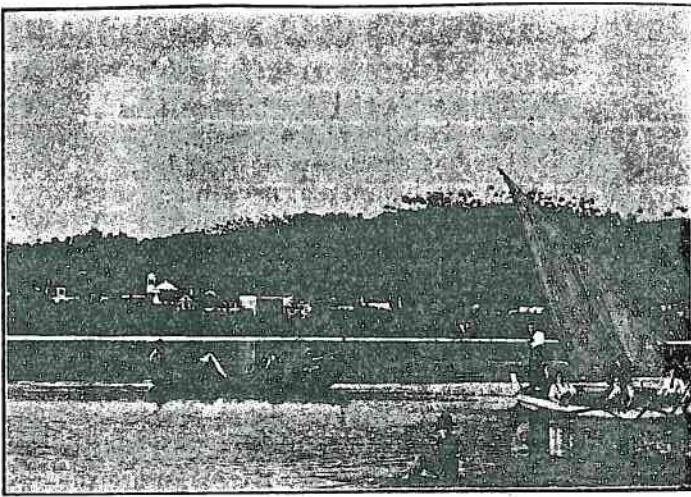


J. Arnaut Pombeiro

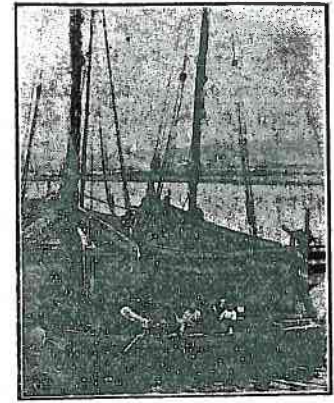


Dr. Luiz de Magalhães  
(MEDICO DA MISERICORDIA)





BARQUINHA — Margens do Tejo



BARQUINHA — Um pôrto de embarque

especialidade no Havre onde as manifestações se transformaram numa apoteose de carinho e simpatia por Portugal. O pequeno soldado, hoje simbolo patriótico, ao chegar dir-nos ha: — Aqui me tendes; sacrifiquei-me por todos, pela Patria, pela Liberdade...

Ama-se muito e muito a Pátria na nossa terra; mas, lá fóra, quando é preciso honra-la e defende-la. Ela ama-se muito mais ainda ..

Nas duras batalhas, entre o infernal estampido das granadas, nas trincheiras lamacentas e ensanguentadas do "Front", era Ela, sempre Ela que nos dava alento... Os nossos Pais, os nossos Irmãos, a Nossa Noiva, tudo se consubstanciava naquele simbolo sacrosanto, Aqui estou! Foi feita a vossa vontade. Ha tanto

tempo ausente reclamo agora o socego a que tenho direito, ambicionando que a minha presença seja um fortissimo élo entre todos vós. E se assim não fôr, renova-se o meu sacrificio: Continuai a vêr irmãos nossos esfacelados pela metralha inimiga, mulheres vestidas de negro que choram o seu marido, o seu filho, o seu irmão... Confio em vós.

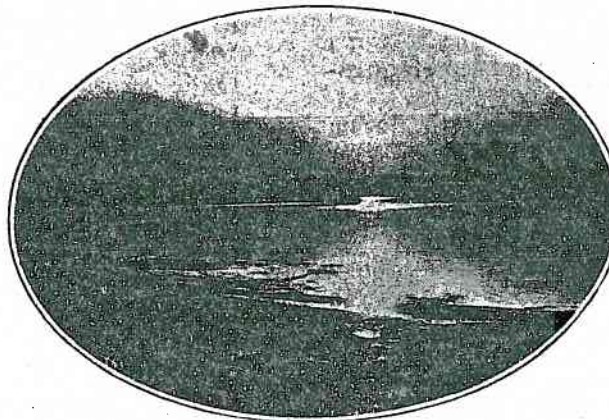
Adeus!

\* \* \*

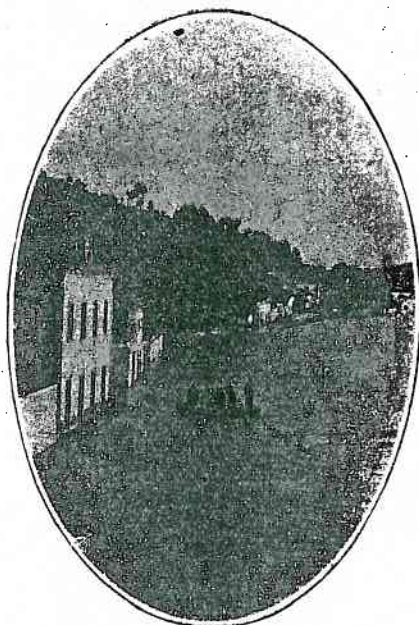
Curvemo-nos respeitosamente. Vai descer á sua ultima jazida, o Primeiro Soldado Portuguez que deu a sua vida pela Liberdade do Mundo!

Silencio !...

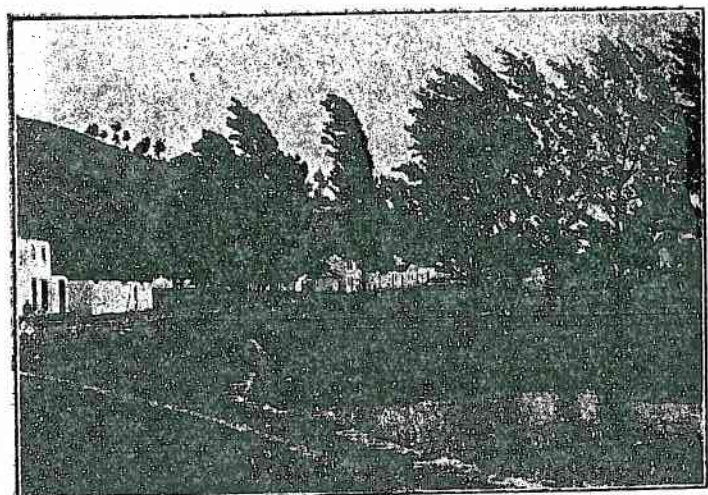
José Filipe REBORDÃO



BARQUINHA — O pôr do sol no Tejo



Barquinha — Uma rua Inundada



BARQUINHA — Campos marginaes

# Castelo do Almourol

Tantas e tão belas paginas literarias, tem sugerido o nosso encantador Castelo, — que é temerária e dispensavel empresa, a de lhe relatar a história longinqua ou algo dizer dos seus encantos, ao, prestar-lhe a homenagem devida ao mais illustre e venerando Barquinhense...

Quasi nos resta só, proclamar cheios de orgulho que é nosso o Castelo de Almourol, cuja proxima vizinhança no meio das aguas do Tejo, sobremaneira nos envaidece.

Nós, os seus vizinhos de ao pé da porta, que nos habituámos a venera-lo desde a infancia, olhando-o sempre com respeito e amor, queremos-lhe mais, queremos-lhe muito, — mas todos os portugueses o conhecem e o estimam, como uma das nossas mais sagradas reliquias.

Conhecemos-lhe a história heroica desde o berço, e todos temos mais ou menos vivido nos seus recantos algumas dessas aventurosas proesas de cavaleiros enamorados, ou princesinhas fugitivas...

Temos todos, os seus conterraneos, sentido a emanção forte e vivida da sua tradição grandiosa, o reconstituente heroico da nossa alma portuguesa.

Todos quantos um dia o viram de fugida, ou lhe conhecem a silhueta atravez de uma estampa do lar paterno, — veem nele um simbolo eloquente das nossas passadas grandesas.

Orgulhoso, altivo, quasi inóspito, retirado na solidão do seu verdejante ilheu, — parece querer fugir ao contacto das gentes que já lhe não entregam a defesa, e já lhe não tingem de sangue as cans venerandas.

Inconformavel com a invalidez forçada a que a guerra moderna persiste em vota-lo, a sua austera fisionomia é de revolta, e ainda de força...

E entretanto, como passatempo ligeiro de avôsinho encanecido, compraz-se em brincar com as aguas, — dividindo o Tejo em dois braços, que o abraçam, mas que o não afogam...

J. Arnaut Pombeiro

## BARQUINHA

*Dona antiga que a lenda d'Almourol  
No seu seio d'amôr, leve, perpassa;  
Tem um ar de sorriso, um ar de graça,  
Se a beija com volupia a luz do Sol.*

*Em noites luarentas, encalmadas,  
Quando a guitarra em festa se levanta,  
O Tejo, trovador, com ela canta  
As endeixas das almas contristadas.*

*Lírio fresco do vale, á beira-Tejo,  
No calix recolhendo o terço beijo  
Duma trova sentida dum barqueiro;*

*Alegre, feiticeira, graciosa,  
Parece ter o enlevo duma rosa  
Acenando de longe ao caminheiro!*

Scalabis  
Julho de 1929

JOSÉ OSÓRIO

# Castelo do Almourol

Reliquia senhorial dos tempos idos  
A falar da bravura truculenta,  
Dos velhos cavaleiros destemidos,  
Duma era longinqua, nevoenta.

Eu ouço, ainda, os trovadores doutróra  
Contando legendarias aventuras  
De cavaleiros de dourada espóra,  
De menestreis, de cotas, de armaduras...

E vejo os cavaleiros dos templários  
— Guerreiros, monges, — nas ameias fortes,  
Por esses velhos tempos legendarios,  
Planeando guerras, caliveiros, mortes.

O Balsão negro e branco, a drapejar  
— Emblema dos castelos de Gualdim —  
Diz aos reis mouros que ha de dominar  
Por essas terras que não tem fim.

Tem lendas de gigantes, de princezas  
Cavaleiros — Andantes, menestreis;  
De aventuras longinquas, fortalezas,  
De passos de armas, lanças e corceis.

E' todo um ciclo de canções trovadas,  
Velhos «rimances», de amôrosas lendas  
Onde perpassam moiras encantadas,  
Gritos de morte e maldições horrendas...

Castelo de onze torres, senhorial  
Paço de herois, abrigo de gigantes;  
Velho castelo gótico - feudal  
O que és agora... o que tu eras dantes!...

Hoje, no abandono calmo dos rochedos,  
Nós noturnais silencios, em surdina,  
Só se houve, ás horas mortas, de bruxedos,  
O esvoaçar das aves de rapina.

Agora em noites de luar 'streladas,  
A reflectir-se em liquidas alfombras  
Perfilam-se as ameias recortadas  
Em perspectivas plásticas, de sombras...

E nas águas do Tejo, reflectido,  
O seu perfil vetusto e altaneiro,  
Relembra o vulto, truculento, erguido  
Do Portugal medieval, guerreiro...

Clotilde Mateus

De ora ávante, Caminheiro, não passes aqui sem colher esta recordação que te dignifique: — Visita a campa do primeiro Soldado Heroico que tombou em França, vitima da Guerra e do dever, e deixa-lhe uma saudade para o seu livro de gloria.

Não basta dizer: "Sou Barquinhense". E' preciso mostrar que o é.

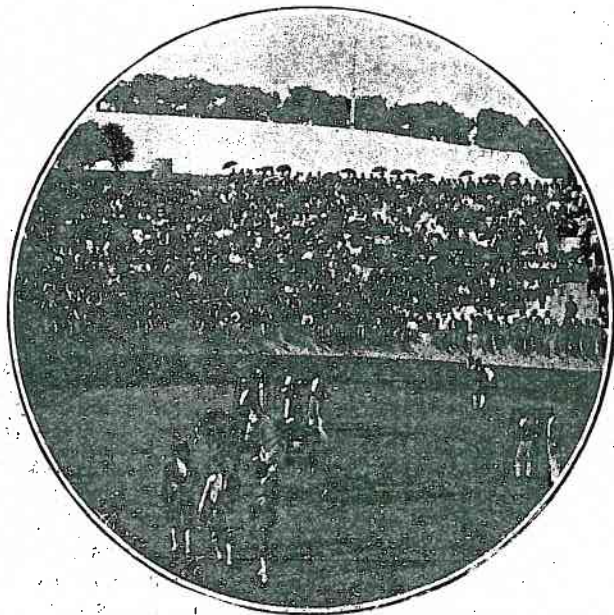
# Melhoramentos e Aspirações DA VILA DA BARQUINHA

Nos ultimos anos tem esta vila conseguido grandes melhoramentos, devido ao trabalho incançavel e amor não só de todos os Barquinheses, mas tambem daqueles que ha muito aqui habitam, sendo tambem já Barquinheses pelo coração. De entre todos deve destacar-se a Misericórdia e Hôspital, que são sem duvida o nosso maior motivo de orgulho e a nossa vaidade e que nunca nos esqueçemos de mostrar a qualquer visitante. Por ele começaremos.

## Misericórdia e Hospital

Ha talvez trinta e cinco anos que nasceu a ideia da fundação do Hôspital, sendo contudo só feita a sua inauguração em 27 de Março de 1921.

Deve-se esse importantissimo melhoramento ao excessivo trabalho e zelo das ultimas direcções devendo destacar-se o actual provedor Sr. Elísio Gomes e o Sr. José Filipe Rebordão, secretario gratuito e desde o inicio, desta prestante instituição. Nunca ninguem regateou o seu auxilio a esta benemérita Casa de Caridade e é deveras consolador vêr a maneira como ela é acarinhada por todos. Possuindo amplas enfermarjas de Medicina e Cirurgia, Banco, Sala de Operações, Consultorio Médico e quartos particulares, tem sido enorme o seu papel e grande o auxilio que tem prestado a todos os pobres. Além do internamento que é gratuito para os pobres, fornece ainda uma não pequena verba mensal para os necessitados que se tratam no seu domicilio. Doentes que necessitem de grandes intervenções cirúrgicas, ingressam nos Hôspitais de Lisboa pagando a Misericórdia toda a sua despesa. Contudo ainda alguma coisa ha a fazer como seja uma enfermaria para doenças infecto-contagiosas — pavilhão isolado — construido segundo os ultimos preceitos e montagem de diferentes aparelhos cuja falta se faz sentir por vezes. Anexo ao Hospital deve em

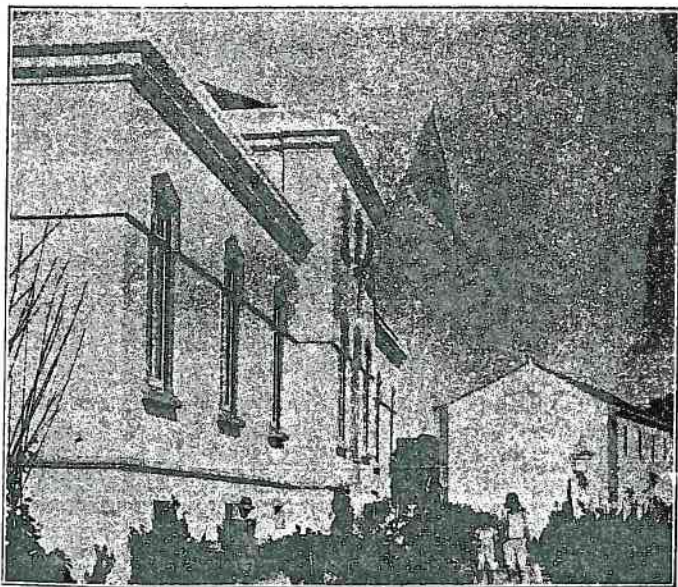


Barquinha — Praça de Touros  
Inicio da corrida de 14 de Julho de 1929 — Os cavaleiros D. Vasco dos Anjos e D. João de Vilhena, nas cortezias

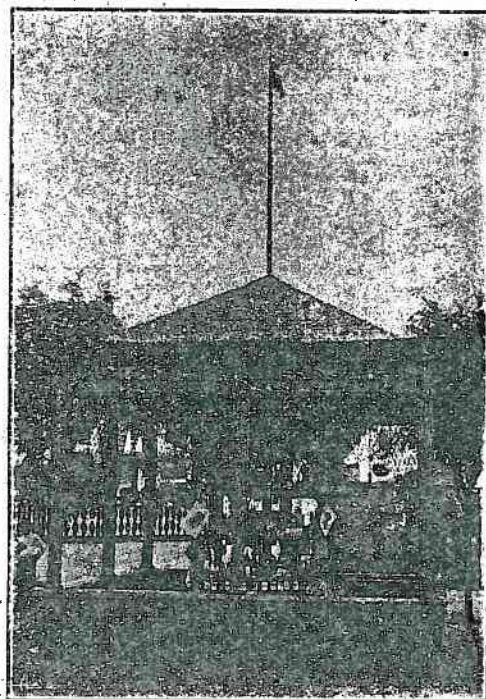
breve estar funcionando o azilô para velhos de ambos os sexos e a Sopa dos Pobres com o fim de evitar a mendicidade no nosso concelho e pelos nossos pobres.

Vive, esta Misericórdia um pouco abandonada dos poderes públicos e se não fossem os enormes sentimentos de caridade do povo do nosso concelho ha muito que teria fechado as suas portas.

E' pertença da Misericórdia a Praça de Touros



BARQUINHA — Hospital da Misericórdia



Barquinha — Festas da Misericórdia  
O artistico e tipico basar

ros desta vila. Praça regular mas pequena, notavel pelo brilho das suas corridas cujo lucro vem auxiliar a Santa Cruzada desta Casa. Caso extraordinario: em nenhuma diversão até hoje realizada a Misericórdia sofreu prejuizos, o que bem prova os sentimentos altruistas do nosso Povo e o cuidado e tacto da sua direcção.

São também as festas da Misericórdia uma fonte de receita que se não pode desprezar, pois este ano, entrando em conta os medicamentos oferecidos ao Hospital acusaram um lucro de 30,000\$00... — verdadeiramente fantastico!!! Deve dizer-se sem exaêro que são as festas de caridade mais interessantes da região.

Ilustrando esta pagina com algumas fotografias de barracas e pavilhões que este ano ornamentaram o já conhecido Largo da Misericórdia, ocupar-me-hia um enorme espaço, de que, não dispomos, o dizer tudo o que ácerca da Misericórdia e por isso vamos indicar outros melhoramentos. Ainda este ano foi cedida pelo Ministério do Comércio á Camara Municipal, a Casa da Hidraulica, para qualquer modalidde de assistência



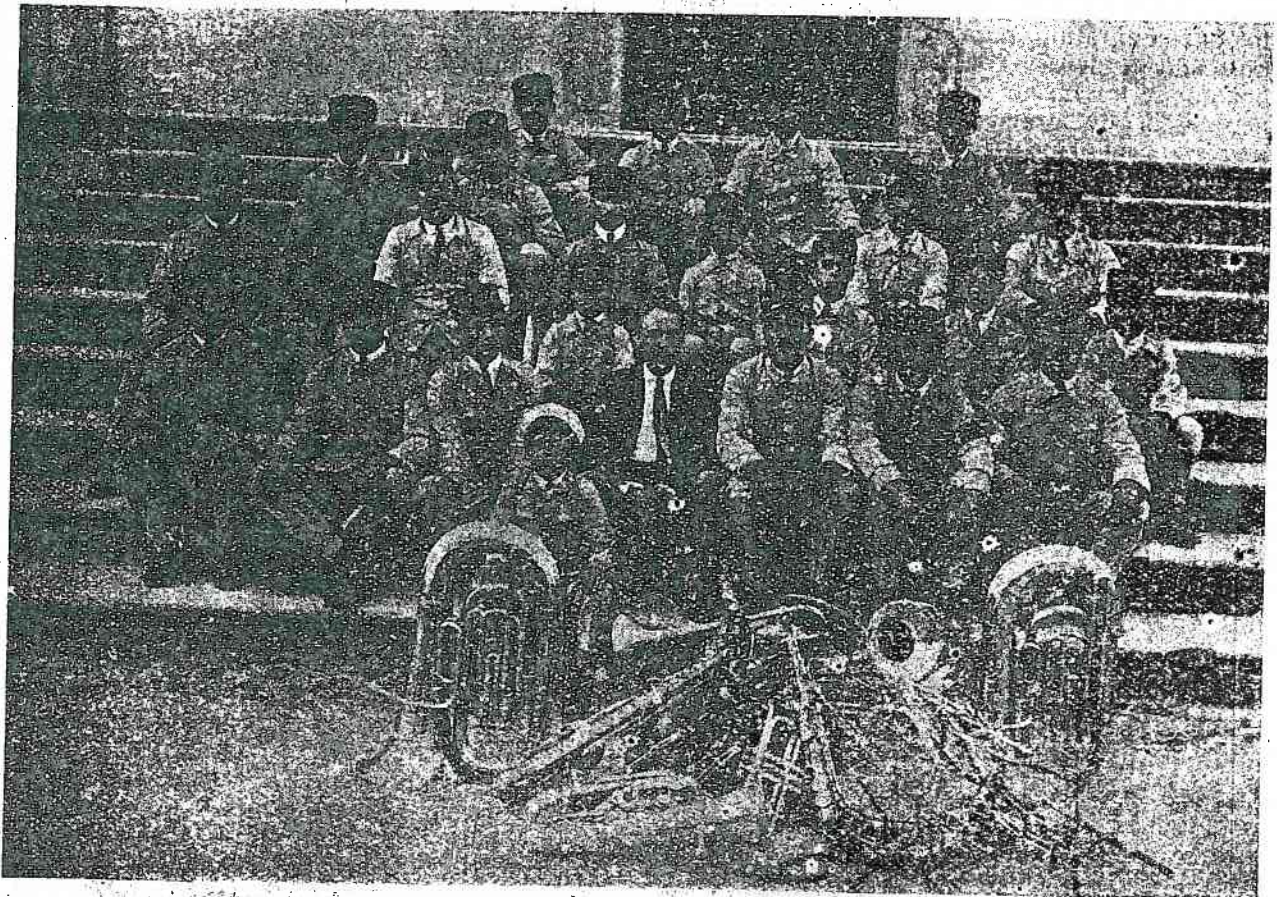
Barquinha — Escola Oficial — Exposição de trabalhos manuais e desenhos

concelhia. Foram também adquiridos dois carros funerários, um dos quais de recente aquisição, é luxuoso

## ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS

Foi organizada em 25 de Dezembro de 1924 sendo a sua comissão organizadora composta dos Ex.<sup>mos</sup> Srs.: José da Silva Junior, Joaquim Rodrigues Serra, Elísio Gomes e Estevam Marques Neto.

Compõe-se dum Corpo de Salvação Pública com 12 bombeiros e um comandante o Sr. Henrique Marques da Silva Cardoso, e ainda 26 bombeiros auxiliares, dispondo do seguinte material — 2 bombas, 1 carro de escadas portuenses, tendo cada bombeiro um equipamento completo. Em 16 de Setembro de 1928 foi feita pela Camara Municipal a entrega a esta Corporação do actual Quartel de Bombeiros, edificio interessante e desempenhando cabalmente as suas funções. Tem ainda esta Associação uma Banda de Musica de que é seu actual regente o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Carlos Lopes da Fonseca, competentissimo disciplinador que com a boa vontade de todos os



### BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DA BARQUINHA

1.º Plano: - António Maximiano, Francisco Valente, Augusto Maximiano, Julio Barros, o Recente Carlos Lopes da Fonseca, Manuel Bernardin, José Rei e Francisco Cardoso 2.º Plano - Manuel Barros, João Fernandes, José Maximiano, Antonio Barros, Manuel de Almeida, Antonio Maria Marques e Florido Marques. 3.º Plano - Manuel Carano, Manuel Almeida, Adriano Carano, Abel de Freitas, João Maximiano, José Fernandes, João Amorim e Estevam Marques Neto. f.m. frente, a mascote: Antonio de Almeida.

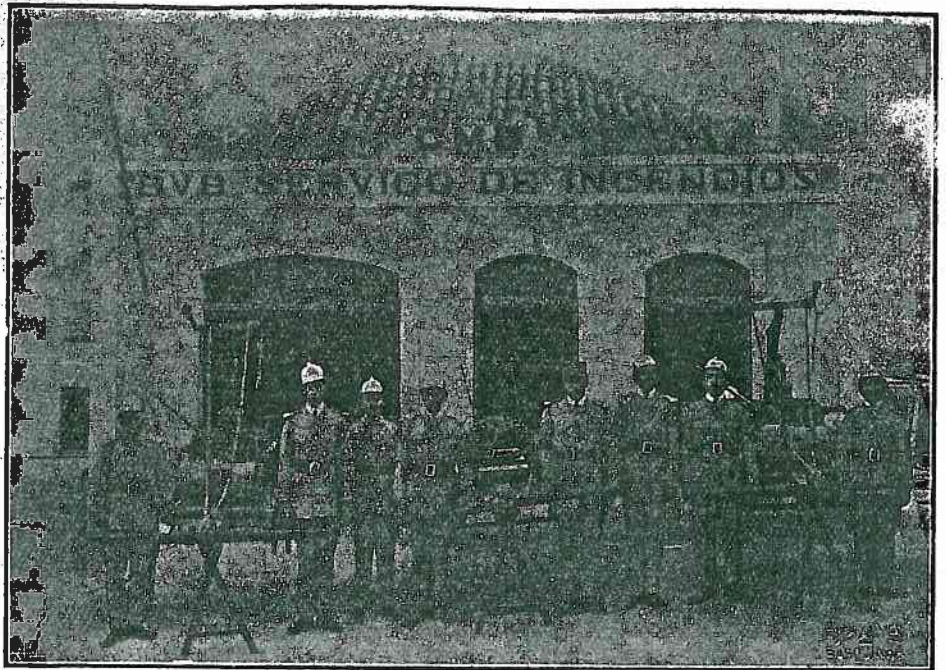
executantes em breve conseguirá fazer uma esplendida Banda como é de justiça. O instrumental foi comprado por empréstimo amortizável, subscrito por habitantes do concelho.

Pensa-se em breve iniciar a construção dum coreto para concertos sendo também aspiração máxima desta Corporação a aquisição duma Camionete Pronto-Socorro.

### Luz Electrica, Água e Esgotos

Dentro de dois meses teremos já iluminação electrica pública e particular, tendo sido ha cerca de também dois meses assinados os respectivos contractos com a Hidro Electrica do Alto Alentejo.

Está já concluida a instalação da transformadora que funcionou por ocasião das ultimas festas, fornecendo gratuitamente aquela Empresa a iluminação necessária ás mesmas. Dispomos de abundante e esplendida água, tendo sido nos ultimos anos feitas algumas derivações e construidas algumas fontes em locais onde a sua falta se fazia sentir. Presentemente trabalha-se com toda a intensidade na montagem da rede esgotos desta vila e respectivo colector o que muito virá beneficiar o seu já regular estado sanitário.



Quartel de Incendios. Um piquete de Bombeiros com o respectivo material. José Sardinha, Manuel Condeço, José Maia, Alvaro Marques Cardoso, comandante Henrique Marques Cardoso, Antonio Caraligos, Joaquim Martins e Antonio Barbara.

### PLANTAÇÃO DE ÁRVORES, ETC.

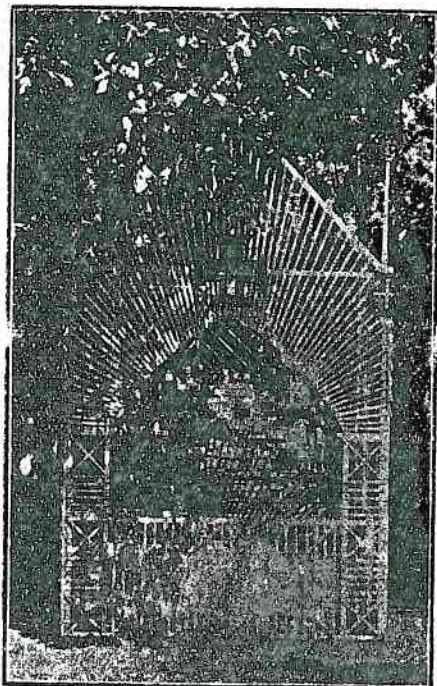
Tem-se procurado arborisar as ruas desta vila e reparar as suas calçadas alindando-a o mais possível, sendo necessário que a rua Doutor Barbal Filipe (não calcetada em parte) o fosse, ou antes, fosse alcatroada para evitar as constantes e perigosas nuvens de pó que se levantam. Foi completamente reparado e ampliado o Matadouro Municipal que dispõe de água canalizada.

### COMERCIO, SPORT, ETC.

Tem progredido bastante nos ultimos anos o comércio desta vila apesar da enorme crise que atravessamos e dispõe de bons estabelecimentos.

Temos o «Sporting Club Barquinense» como club sportivo que bastante tem contribuido para o desenvolvimento e gosto pelo sport.

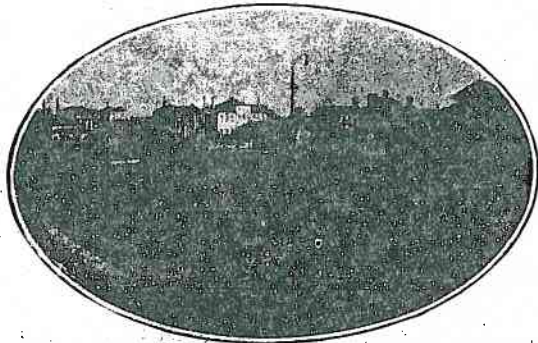
Tem ainda, esta vila a sua ligação telefónica com todo o país e o estrangeiro por intermédio das suas duas cabines, montando-se em breve a rede telefonica urbana. Ha ainda um bom Grupo Musical, mas faz-se sentir a falta dum teatro condigno, falta esta que em breve já não existirá. Sentimos também a falta dum jardim público municipal e de um campo para a prática do sport, faltas estas que vão merecer a atenção de todos nós.



BARQUINHA — Festas da Misericórdia em 1929

Barraca - exposição de produtos farmaceuticos oferecidos ao Hospital

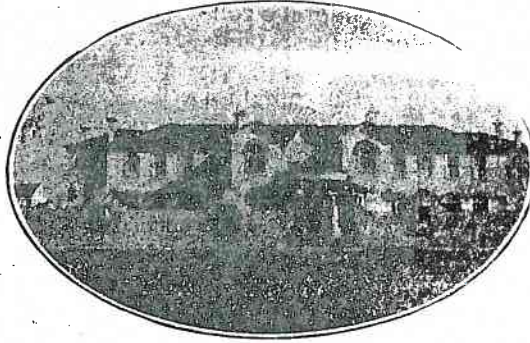
A maior parte das gravuras desta Revista, todas executadas nas modelares oficinas do Sr. Marques Abreu, do Porto, foram extraidas de fotografias amavelmente cedidas pelo distinto fotografo desta vila Sr. João Augusto de Brito Alves.



ENTRONCAMENTO — Trêcho da estação do C. de Ferro

# FRE GUE ZIA

DO



ENTRONCAMENTO — Escola «Camões»

## ENTRONCAMENTO

O Entroncamento é uma povoação laboriosa de perto de 5.000 a 6.000 habitantes, de largo comércio e várias indústrias. Tem progredido extraordinariamente, nestes últimos anos, devendo-se principalmente tal circunstância ao desenvolvimento que a C. P. tem tido nos seus variados serviços.

A Junta de Freguesia tem procurado o melhor possível desempenhar-se do seu cargo, e assim são já em número de alguns os melhoramentos que tem feito, tais como: a construção dum marco fontenário, a criação dum mercado mensal de gados, o aterro e terraplenagem dum campo destinado a este, uma feira anual, uma ponte sobre o ribeiro de Santa Catarina (Vaginhas), a reparação de quasi todas as ruas da localidade, etc.

Traz actualmente em construção o cemitério da freguesia cujas obras se iniciaram em 8 de Julho do corrente ano, em terreno gratuito e generosamente cedido pela Ex.ma casa SOMMER.

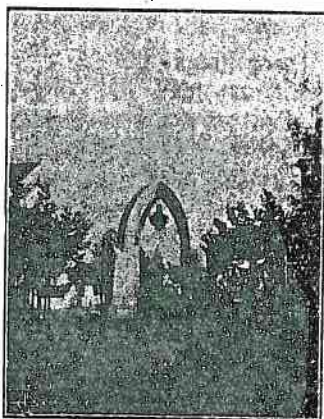
Presentemente está em negociações com a C. P. para o forneci-

mento de energia electrica para a povoação e ambiciona trazer aguas para o abastecimento dum chafariz, a cobertura do mercado diario e a construção de canalisações de esgôto. São estas as aspirações, aliaz bem justas, que uma terra como esta que num crescente de acentuado progresso, pode ter

Além dos melhoramentos citados impõe-se também a edificação duma igreja para satisfação das aspirações da população religiosa da localidade, hoje felizmente já bem numerosa.

Depois da formação de um Grupo de Escoteiros ha pouco levada a cabo, e que se deve á iniciativa de um grupo de rapazes cheios de vontade, pensa ainda a Junta de Freguesia levar a effeito a criação de uma Banda de Musica e de uma Corporação de Bombeiros.

Antonio Marques  
AGOSTINHO



ENTRONCAMENTO — Entrada para o balrro Camões

## FREGUEZIA DA ATALAIA

Perde-se na noite dos tempos a fundação desta antiquissima Vila. O que se sabe é que foi resgatada do poder dos mouros em 1147, parecendo no entanto que esteve despovoadá até ao reinado de D. Afonso II, que lhe deu foral em 1212 com grandes privilegios para atrair moradores. Apesar disso, parece que aquelle foral não seduziu moradores, porque D. Diniz a povôou em 1315 quando lhe deu o segundo foral.

Mandou este Rei construir-lhe uma formosa fortaleza. Foi solar dos Noronhas Manuelis, Condes de Atalaia e Marquezes de Tancos. Eram os Condes, senhores donatarios e Alcaides-môres desta Vila.

O 6.º Conde da Atalaia, D. João Manuel de Noronha, foi elevado a Marquez de Tancos, por D. José I, em 1751.

Teve Misericordia e Albergaria.

A sua igreja Matriz está considerada Monumento Nacional pela riqueza arquitetónica do seu lindo portico. É digna de ser visitada.

A situação desta Vila é excelente e o seu povo, laborioso e honrado, entrega-se á industria de lousa de barro, com o que abastece os mercados de Barquinha, Constancia, Golegã, Tomar e até Santarem e Torres Novas.

Tem feira annual de gado bovino, a 20 de Janeiro.

A actual Junta de Freguesia é constituída por homens que muito querem á sua Terra e que procuram conseguir para ella todos os melhoramentos possiveis. É presidente da Junta o Cidadão José Maia Faria que está lutando denodadamente pela remodelação do edificio escolar afim de conseguir separar a escola do sexo masculino da

do femenino. É uma pretensão justa, mas a que o Estado não tem atendido por um principio rigido de economias em que nos encontrâmos.

Será, sem duvida, a actual Comissão Administrativa da Camara Municipal que terá de tomar sobre si o encargo de prestar á Junta o seu poderoso auxilio para que se effectue tão necessaria, quanto urgente, obra.

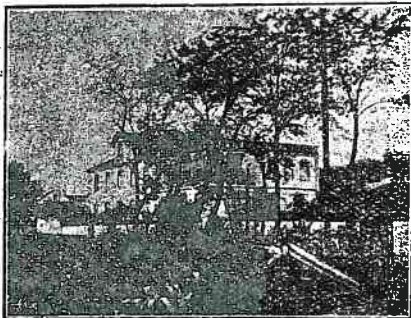
Da Freguesia da Atalaia faz parte a povoação da Moita, uma das mais populosas Terras do Concelho. Constitue esta povoação um cerrado aglomerado de casas muito brancas que nos ferem a vista e chamam a attenção de quem viaja na linha d'este. É uma Terra acida, higienica e salubre, e só por um imperdoavel desleixo do Sub-Inspector de Saude do Concelho, foi possível o desenvolvimento de uma forte epidemia nas crianças, durante o verão de 1928, que as dizimou quasi por completo.

Tem uma Fria Comissão de Melhoramentos, que, sob a presidencia do Cidaão Antonio Maia Faria, conseguiu já a construção de um elegante edificio escolar, ha pouco inaugurado, e que satisfaz por completo no fim a que se destina. Apesar de ter um rico manancial de agua potavel a um kilometro de distancia, pela a construção de uma fonte no meio da povoação, pelo que achamos justo e que a Comissão Administrativa da Camara Municipal vai atender sem duvida com a maior brevidade que lhe seja possível.

Agosto de 1929

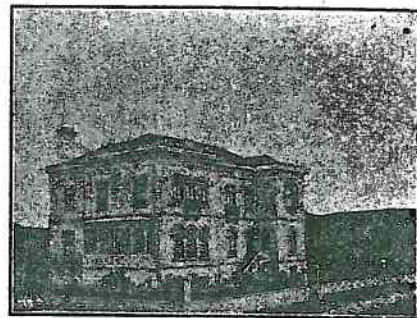
Jesus FERREIRA

# FREGUESIA



Praia do Ribatejo  
Vivenda da Família Tomiz da Cruz

- DA -  
**PRAIA**  
- DO -  
**RIBATEJO**



Praia do Ribatejo  
Mcradia do Sr. Manuel Vieira da Cruz

Na margem direita do formoso Tejo, entre a Ribeira de Tancos e a corrente do Zezere, até quasi á foz do Nabão, estende-se a freguesia da Praia do Ribatejo, rica de tradições historicas e de mui remota fundação.

O mais antigo nome, por que foi conhecida é o de Paio Pele, contracção evidente de Paio de Pele, nome que perdurou durante muitos séculos, e que lhe vem, segundo parece, do sobrenome do celebre cavaleiro D. Gualdim Pais, grão mestre da Ordem dos Templarios, D. Afonso Henriques e seus filhos, dando foral a vila de Paio de Pele, em 1169, fizeram doação dela ao esforçado cavaleiro, que por seu turno tambem lhe deu foral em 1174.

D. Mannel, a 22 de Dezembro de 1519, lhe deu novo foral em Evora.

Foi cabeça de concelho, com câmara, juiz ordinario e demais empregados.

Os Castelos de Almourol e Santa Maria do Zezere conservaram-se longo tempo na posse dos Templarios, até ser extinta a ordem, em 1311.

O vetusto, poetico e romantico castelo, devia forçosamente inspirar a musa dos antigos trovadores e romancistas dos primeiros séculos da monarchia, que dele fizeram lugar de scena para varios dramas de amor, em prosa e verso.

Correm varias lendas, todas elas mais ou menos engenhosas, ácerca do famoso castelo.

A igreja matriz desta vila era de construção muito antiga. Provavelmente construida em 1189, por D. Gualdim quando fundou o castelo de Santa Maria do Zezere, a pouca distancia. Foi demolida ha anos, para dar lugar a uma nova construção que não se concluiu. Ficava em sitio hoje occupado pelo cemiterio desta freguesia, a pouca distancia do qual se encontram insignificantes vestígios do referido castelo que esteve na posse dos Condes de Cantanhede, representantes da Casa de Marialva.

A ponte metálica do caminho de ferro do Leste, obra importante da engenharia moderna, fica quasi contigua á estação ferroviaria da Praia do Ribatejo.

Os trabalhos primitivos foram feitos por operarios francezes, italianos e portuguezes, e os ultimos sómente por portuguezes sob a habil direcção e incançavel esforço do engenheiro Sr. Felix Alves auxiliado pelo Sr. Joaquim Moreira.

A vila de Paio de Pele com o dobrar dos séculos desapareceu sem deixar vestígios. Este nome é hoje apenas um simbolo.

Por isso em 1927, o falecido e prestante cidadão Manuel da Cruz, sendo então presidente da Comissão Administrativa do Municipio, conseguiu por intermedio

deste Corpo Administrativo que o Governo decretasse em 9 de Setembro a substituição do antigo e simbolico nome desta freguesia pelo de Praia do Ribatejo; e a Comissão Administrativa desta Freguesia, de acordo com a Comissão Municipal representaram ultimamente ao Governo, pedindo para que a Praia do Ribatejo seja elevada á categoria de vila. Realmente, pelo seu desenvolvimento industrial e comercial dos ultimos anos, pela sua flora abundante de oliveiras, pinheiros e sobreiros, pela pesca importante dos seus rios, pelos meios de comunicação rápida e acelerada, pela facilidade de transportes, pela guarnição militar do Poligono de Tancos, pela importancia da sua estação do caminho de ferro, pela estação de Almourol e apeadeiro de Tancos, dentro da área da freguesia, pela estação telegrafica e sua cabine telefonica, pelas suas construções modernas que são verdadeiras palacoese pela iluminação publica e particular com que vai ser dotada a freguesia, por tudo isto a Praia do Ribatejo bem merece o qualificativo de vila que para cá pedimos.

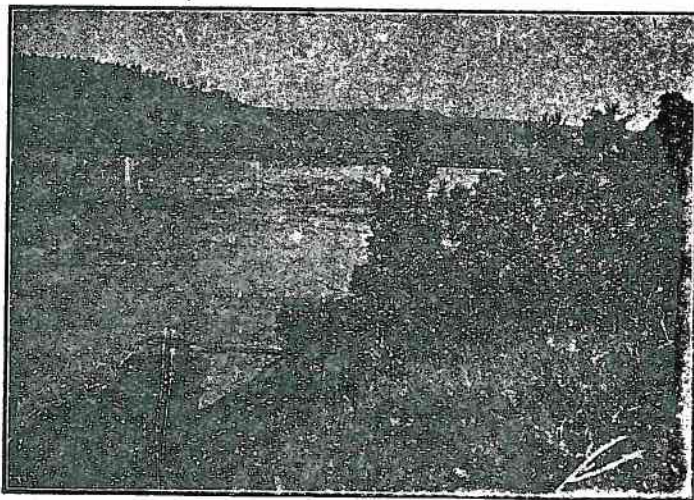
Ha neste lugar da Praia quatro importantes fabricas de serração em laboração. Em volta destas fabricas encontram-se grandes depositos de madeiras que alimentam as serrações durante o ano. São verdadeiras florestas flutuantes que durante os mezes da estiagem descem pela bacia do Zezere, sendo encalhadas no areal do Tejo, junto á ponte do Caminho de ferro; e transportadas depois para os referidos depositos.

No Poligono de Tancos ha grandes officinas de serralharia e carpintaria, tanto na Escola Prática de Engenharia, como no Grupo Independente da Aviação.

Além destas unidades ha tambem o Batalhão de Pontoneiros. São estas as diferentes unidades que constituem a guarnição do Poligono ou Campo de Manobras.

Em maio de 1916 já depois de assente entre nós, a nossa secular aliada e a França, a nossa participação na Grande Guerra, o então ministro Norton de Matos, escolheu para campo de concentração de tropas o Poligono de Tancos. E foi assim

que a 16 do referido moze não estamos em erro, chegaram os primeiros contingentes das duas brigadas que compunham a primeira divisão. Este vasto campo de manobras, recebendo do coração do país os vinte e quatro mil homens desta mobilização, formou o acampamento com suas alvas tendas de campanha, ruas alinhadas, abastecimento de aguas, redes telefonicas, serviço do correio, com suas capias, cosinhas e refeitórios e profusa iluminação de noite, tinha o aspecto feérico duma bella cidade moderna - cidade de Paulônia, como com propriedade, foi designada por



Praia do Ribatejo  
Ponte sobre o Tejo



# Freguezia de TANCOS

Antiga Vila, situada na margem direita do Tejo, entre a Barquinha e a Escola Prática de Engenharia. Do adro da sua velha igreja matriz, disfruta-se um dos muitos e lindos panoramas que conhecemos. Avista-se, já bem perto, o lendario e sempre sentinela vigilante — Castelo de Almourol — esse lindo Monumento Nacional e Militar, que nos traz sempre saudosas recordações da nossa mocidade, ali passada quasi dia a dia nos variadissimos trabalhos das tropas de pontoneiros.

Segundo alguns investigadores, foi esta Vila fundada em 1147, por Cavaleiros francezes dos que vieram ajudar D. Afonso Henriques á conquista de Lisboa.

Ha quem diga que o nome de — Tancos — lhe vem da corrupção de Francos como outr'ora se chamaria esta Vila: naquela palavra, mas ha tambem quem afirme que os seus fundadores foram os antigos (celtas) denominados — Tancos, ou Tabucos. Sendo assim, como parece que é, a Vila de Tancos devia ter sido fundada uns 400 ou 500 anos antes da era de Christo.

Em 1169 foi esta Vila doada á Ordem do Templo, da qual era então Mestre D. Gualdim Paes.

Os Condes da Atalaia, mais tarde Marquezes de Tancos, foram Senhores donatarios desta Vila e seu termo. O 1.º Marquez de Tancos foi D. João Manuel de Noronha 6.º Conde da Atalaia, nomeado por D. José I em 22 de Outubro de 1851.

As Armas dos Marquezes de Tancos eram — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, em campo de purpura, um côto d'agua d'ouro, empunhando (com uma mão de homem) uma espada guarnecida d'ouro — no 2.º e 3.º, de prata, um leão de purpura, armado de azul.

Timbre, o côto d'agua do escudo.

D. Maria I fez Duqueza de Tancos a sua Camareira-mór, D. Constança Manuel, viuva de D. Duarte Antonio da Camara, 5.º Conde de Aveiro, gentil-homem da Camara do infante D. Francisco, do rei D. José I e de sua filha D. Maria I. Era veador da Casa Real, general e governador das Armas da Côrte e provincia da Extremadura.

aqueles que, pelas cumindas e outeiros adjacentes, durante longas semanas simularam ataques ao inimigo.

Esta mobilisação terminou pela parada de Montalvo, em Agosto do mesmo ano, a que vieram assistir o senhor Doutor Bernardino Machado, Presidente da Republica, e alguns representantes estrangeiros, seguida de uma excursão pelo Alentejo — Alentejo.

Seguiu-se nos ultimos mezes do referido ano, segunda mobilisação, composta de mancheos vindos do Norte do paiz e formando a terceira brigada.

Ao mesmo tempo uma quarta brigada mobilizou entre Lisboa e Mafra, constituindo todas estas forças o Corpo Expedicionario, que em Fevereiro do ano seguinte começou a ser transportado, em navios inglezes, para a França, aonde escolheram para porto de desembarque Brest, no Departamento da Bretanha.

Foram estes soldados, nossos patrios que no campo da Flandres nem alto levantaram o brilho guerreiro do nosso Portugal, muitos dos quais morderam o pó da terra para não mais sairem do solo da França.

Abrem-se, contudo, duas excepções honrosas para as venerandas cinzas do Soldado Desconhecido e para as do nosso patrio Antonio Gonçalves Curado, que mão amiga arrancou de França, onde estavam condenadas a dormir o sono eterno, para as entregar aos seus patrios.

E dora ávante, ao passarmos pela Barquinha, o nosso coração palpitará, sentindo a grata emoção de estarem ali os restos mortais do primeiro portuguez que heroicamente ofereceu o peito ás balas dos nossos adversarios.

LUIZ MATEUS

D. Constança Manuel, primeira e ultima duqueza de Tancos, era de uma das mais nobres familias de Portugal; descendente, por varonia, de D. João Manuel, filho bastardo do rei D. Duarte e por parte da mãe, do infante D. Manuel, filho de S. Fernando, rei de Castello. Com a morte de D. Constança Manuel, foi extinto o ducado de Tancos.

Foi, antes do caminho de ferro, uma Vila muito importante, pois era ali a passagem obrigatoria de todas as communicações entre o norte e o sul do Paiz.

Teve um mosteiro de religiosos Capuchos da invocação de Nossa Senhora do Loreto, fundado por D. Alvaro Coutinho, senhor do Castelo de Almourol, onde residia, e neto de D. Vasco Coutinho, 1.º conde do Redondo.

A igreja deste mosteiro serve hoje de arrecadação de material de pontes.

A igreja matriz da Vila é muito antiga e tem apenas uma nave, apesar de ser uma das mais largas que conhecemos.

É digna de ser visitada pela riqueza em obra de talha dourada que apresenta no seu altar-mór.

Tem uma Comissão de Melhoramentos e uma Agremiação de Senhoras de Caridade.

Teve Misericórdia, Albergaria e Força da qual ainda restam vestigios.

Hoje é uma Vila pobre, mas a actual Comissão Administrativa da Camara Municipal, está concluindo importantes melhoramentos no seu edificio escolar e vai brevemente proceder á captação de agua potavel, em terreno da Escola Prática de Engenharia, para o que foi já obtida a precisa auctorisação do Ministerio da Guerra.

A agua captada será canalizada para a Vila, dentro da qual será construida uma fonte para abastecimento do Povo.

Agosto de 1929.

JESUS FERREIRA

## Em Continencia!...

(Conclusão da pagina n.º 18)

cumprir o nosso dever de bons e leais Portugueses. Jurêmos ser, como Curado soube ser, bons, valentes, esforçados, desinteressados no amor e na dedicação por este nosso Portugal lindo e abençoado porque nos batemos e porque sofremos.

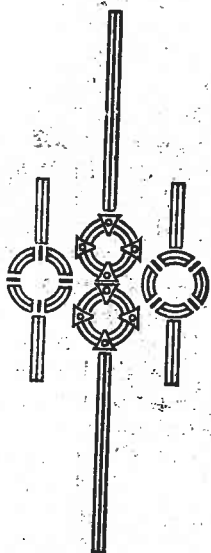
E será só assim, cumprindo austeramente estes principios de patriotismo e de intelligencia, que conseguiremos fazer-nos impor ao respeito e á consideração de todos e... mesmo até dos que por condenavel miopia de sentimentos de justiça, ou por ignominioso derrotismo, ainda hoje vilmente se comprazem em deprimir e amesquinhar o esforço e a constancia dos que na lucta se deram à Patria fazendo-lhe o sacrificio maximo do seu sangue e da sua vida.

Coimbra, 18-VIII-929.

Tenente Campos REGO.

Presidente da Agencia em Coimbra da L. C. G. G.  
e director do Jornal «A Voz dos Combatentes»

Visado pela comissão de censura



General NORTON de MATOS

dos iguais, em granito vermelho da Alsacia, a Terra Libertada, desde a Suíça ao Mar do Norte, em seiscentos quilómetros de extensão. Nas duas dezenas de quilómetros, que os nossos Soldados defenderam, cumpria-nos gravar as oito letras da nossa Terra — Portugal. — Assim o fizemos!

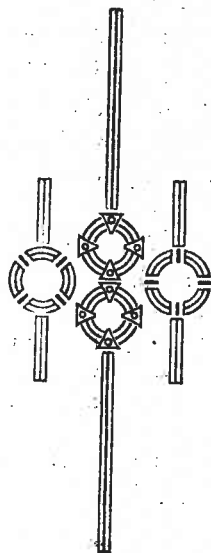
Em 1928 entregamos à Mairie de La Couture o Padrão de Portugal, obra prima do Mestre da nossa Estatuária, Teixeira Lopes. Esse monumento ergue-se, onde foi em 9 de Abril de 1918, o glorioso reduto de La Couture que alguns soldados de Tomar e de Vila Real bravamente defen-

Capitão GUILHERME OOM

dera mcontra a avalanche de ferro e de fogo, contra as ondas de homens que tudo submergiam nessa terrível Batalha de La Lys.

Em Loanda e em Lourenço Marques erguer-se-hão os nossos *Padrões Coloniais*, que serão a afirmação mais brilhante da nossa Nacionalidade.

Em Ponta Delgada e em Santa Maria serão levantados dois monumentos especialmente consagrados á nossa Armada: Marinha de Guerra e Marinha Mercante — Na impossibilidade de os erguer no proprio Atlantico, no lugar em que Carvalho Araujo comandando o «Augusto Castilho» —



Capitão LIMA BARRETO

Tenente Coronel Lopes de Mendonça



ALVARO POPPE

Secundando, porém, o esforço da benemerita «Junta Patriótica do Norte» temos procurado que esses monumentos ou memórias se ergam, significando a nossa suprema homenagem aos que morreram pela Pátria.

Sabendo que não contrariamos o senti-

evocação de outro grande marinheiro -- se bateu valorosamente, ficarão esses monumentos nas Ilhas onde aportaram os sobreviventes dessa luta desproporcionada e heroica.

Não nos seria possível erguer nos 302 concelhos da Metrópole pequenos *Padrões*, que especialmente rememorassem os seus Naturais, Soldados que, tão longe da Pátria se sacrificaram. Não nos seria possível colocar, em todos os quartéis e em todas as Escolas, em todas as oficinas e em todos os locais públicos, os nomes dos Mortos Gloriosos da Grande Guerra, que deles saíram para a escaldante fornalha, purificadora de energias morais.



Comandante A. J. de CERQUEIRA

mento patriótico dos nossos Subscritores concorreremos para o Monumento que Vila Real vai erguer ao comandante Carvalho Araujo e agora vamos entregar ao concelho da Barquinha os Gloriosos Restos do Primeiro Soldado Português Morto em França, que da ridente e laboriosa povoação

ribejense partiu, para só agora voltar, volvidos 12 anos!

Esses Restos Gloriosos, e imortais na lembrança dos Homens Bons, ficarão, na base do Monumento que o Povo desse Concelho vai erguer à memória de todos os seus heróicos Mortos, como expressão simbólica do Esforço Nacional, de 1914-1918.

A Comissão dos Padrões da Grande Guerra



1.º Tenente Dr. Mario G. da Silva



General ABEL HIPOLITO